



nara roesler

artrio 2022

14–18 de setembro, 2022
estande C5

marina da glória
av. infante dom henrique, s/n
glória, rio de janeiro

Abraham Palatnik
Alberto Baraya
Alexandre Arrechea
Alice Miceli
Amelia Toledo
André Griffo
Angelo Venosa
Antonio Dias
Artur Lescher
Berna Reale
Brígida Baltar
Bruno Dunley
Cao Guimarães
Carlito Carvalhosa
Cássio Vasconcellos
Cristina Canale
Dan Graham
Daniel Buren
Daniel Senise
Elian Almeida
Fabio Miguez
Heinz Mack
Isaac Julien
Jonathas de Andrade
José Patrício

JR
Julio Le Parc
Karin Lambrecht
Laura Vinci
Lucia Koch
Manoela Medeiros
Marcelo Silveira
Marco A. Castillo
Marco Maggi
Marcos Chaves
Maria Klabin
Milton Machado
Not Vital
O Grivo
Paul Ramirez Jonas
Paulo Bruscky
Philippe Decrauzat
Raul Mourão
Rodolpho Parigi
Sérgio Sister
Thiago Barbalho
Tomie Ohtake
Vik Muniz
Virginia de Medeiros
Xavier Veilhan

xavier veilhan



Xavier Veilhan
Aina n.º 1, 2022
compensado de bétula
e alumínio
unique
223,7 x 51 x 51 cm



xavier veilhan

n. 1963, Lyon, França

vive e trabalha em Paris, França

Desde meados dos anos 1980, Xavier Veilhan cria um aclamado conjunto de trabalhos que transita entre escultura, pintura, instalação, performance, vídeo e fotografia. Sua prática se define pelo interesse tanto pelo vocabulário da modernidade (velocidade, movimento, vida urbana etc.) quanto pela estatua clássica, à qual ele agregou sua própria reinterpretação contemporânea. Seu trabalho é uma homenagem às invenções e aos inventores de nosso tempo por meio de uma linguagem artística que mistura os códigos da indústria e da arte. Veilhan agencia uma variedade de técnicas e materiais para produzir retratos tridimensionais e paisagens, bestiários e arquiteturas que oscilam entre o familiar e o extraordinário.

Para o artista, arte é “uma ferramenta visual através da qual devemos olhar para entender nosso passado, presente e futuro”. Suas exposições e intervenções *in situ* em cidades, jardins e casas questionam nossa percepção ao criar um envolvente espaço ambulatorio no qual a plateia se transforma em participante ativo. Sua estética revela um contínuo de forma, contorno, fixação e dinâmica que convida o espectador a uma nova leitura do espaço e, assim, da criação de um repertório completo de sinais, o teatro da sociedade.

exposições individuais selecionadas

- *Romy and the Dogs*, Museu de Arte, Arquitetura e Tecnologia (MAAT), Lisboa, Portugal (2019)
- *Nuit Studio Venezia*, Musée de la Musique, Cité de la Musique, Paris, França (2018)
- *Xavier Veilhan, Yuksek, Caterina Barbieri & Carlo Maria, Le Comte, Jonathan Fitoussi – Cine-concert*, Le Lieu Unique, Nantes, França (2018)
- *Reshaped Reality: 50 years of Hyperrealist Sculpture*, Museo de Bellas Artes de Bilbao, Bilbao, Espanha (2016)
- *Cedar*, Andrehn-Schiptjenko, Estocolmo, Suécia (2015)

exposições coletivas selecionadas

- *Rêve Électro*, Musée de la Musique, Cité de la Musique, Paris, França (2019)
- *Calling for a New Renaissance*, Joakim & Xavier Veilhan, Villa Aperta 8, Villa Medici (2018), Roma, Itália
- *Suspension – A History of Abstract Hanging Sculpture 1918–2018*, Olivier Malingue, Londres, Reino Unido; Palais d'Iéna, Paris, França (2018)
- *Botticelli Reimagined*, Victoria & Albert Museum, Londres, Reino Unido (2016)
- 57ª Bienal de Veneza, Itália (2017)

coleções selecionadas

- Centre Georges Pompidou, Paris, França
- Fondation Ilju, Seul, Coreia do Sul
- Israel Museum, Jerusalem, Israel
- New National Museum of Qatar, Doha, Qatar

amelia toledo



Amelia Toledo
Canto das ametistas, 2001
aço inox e ametista
110,4 x 110 x 110 cm



Amelia Toledo
Vírgula, 1988/2022
chapa de ferro pintada
edição de 5 + 2 PA
120 x 160 x 60 cm



amelia toledo

n. 1926, são paulo, brasil

m. 2017, cotia, brasil

Amelia Toledo iniciou seus estudos em arte no final dos anos 1930, quando frequentou o Ateliê de Anita Malfatti. Na década seguinte, estudou com Yoshiya Takaoka e Waldemar da Costa. Em 1948 atuou com desenho de projetos no escritório do arquiteto Vilanova Artigas. Esse contato com figuras chave da arte moderna brasileira, assim como sua experiência no laboratório de anatomia patológica de seu pai, possibilitaram o desenvolvimento de um trabalho multifacetado que faz uso de diversas linguagens como escultura, pintura e gravura. Essa produção floresceu, ainda, no convívio com outros artistas de sua geração, tais como Mira Schendel, Tomie Ohtake, Hélio Oiticica e Lygia Pape.

A diversidade de meios de Amelia Toledo é reveladora de um espírito voltado para uma investigação expandida das possibilidades artísticas. A partir dos anos 1970 a produção da artista ultrapassa a gramática construtiva, que fazia uso de elementos geométricos regulares e curvas, e passa a se debruçar sobre formas da natureza. Toledo começa a colecionar materiais como conchas e pedras, e a paisagem passa a se tornar um tema fundamental de sua prática. Já a pintura da artista possui inclinações monocromáticas, revelando seu interesse pela pesquisa com a cor.

exposições individuais selecionadas

- *Amelia Toledo – Lembrei que esqueci*, Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB-SP), São Paulo, Brasil (2017)
- *Amelia Toledo*, Estação Pinacoteca, São Paulo, Brasil (2009)
- *Novo olhar*, Museu Oscar Niemeyer, Curitiba, Brasil (2007)
- *Viagem ao coração da matéria*, Instituto Tomie Ohtake (ITO), São Paulo, Brasil (2004)

exposições coletivas selecionadas

- *Radical Women: Latin American Art, 1960–1985*, Hammer Museum, Los Angeles, Estados Unidos (2017); Brooklyn Museum, Nova York, Estados Unidos (2018); Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil (2018)
- *Modos de ver o Brasil: Itaú Cultural 30 anos*, Oca, São Paulo, Brasil (2017)
- 10ª Bienal do Mercosul, Brasil (2015)
- *30 x Bienal: Transformações na arte brasileira da 1ª à 30ª edição*, Fundação Bienal de São Paulo, São Paulo, Brasil (2013)
- *Um ponto de ironia*, Fundação Vera Chaves Barcellos, Viamão, Brasil (2011)
- 29ª Bienal de São Paulo, Brasil (2010)
- *Brasiliiana MASP: Moderna contemporânea*, Museu de Arte de São Paulo (MASP), São Paulo, Brasil (2006)

coleções selecionadas

- Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, Portugal
- Instituto Itaú Cultural, São Paulo, Brasil
- Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP), São Paulo, Brasil
- Museu de Arte de São Paulo (MASP), São Paulo, Brasil
- Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil

andré griffo





André Griffo
Anunciação vazia 6, 2022
tinta óleo sobre
compensado naval
75 x 53 cm



André Griffo
Anunciação vazia 7, 2022
tinta óleo sobre
compensado naval
75 x 53 cm

andré griffo

n. 1979, barra mansa, Brasil

vive e trabalha no rio de janeiro, Brasil

A pesquisa de André Griffo é voltada para a pintura e suas relações históricas com a representação da arquitetura. Longe dos grandes discursos panfletários, o artista nos convida a dar atenção aos mínimos detalhes de suas imagens que refletem as muitas violências que dão corpo às narrativas relativas às histórias do Brasil e suas ruínas. Nesse sentido, suas telas são complexos arquivos visuais onde coexistem os mais diversos elementos, cujas relações são capazes de ressignificar e aprofundar as críticas ali presentes. O trabalho de Griffo volta-se para a crítica das estruturas de poder, em especial sobre as ficções por elas criadas para a manutenção do controle dos indivíduos. Entre elas, o artista volta-se às permanências dos efeitos da economia escravocrata na formação histórica brasileira, assim como aos mecanismos das instituições religiosas na fundação de imaginários que visam a submissão dos fiéis.

Griffo utiliza sua formação em arquitetura para elaborar espaços em que coexistem referências históricas e contemporâneas. Seus espaços, usualmente vazios, são habitados por rastros, símbolos e signos que destacam a permanência e influência do passado em problemáticas socioculturais atuais de modo fantasmático. Sua produção entrelaça o documental e o ficcional, explorando a conexão entre as disciplinas da História da Arte e da Arquitetura às questões sociais, brasileiras e mundiais. Ao sobrepor diversas temporalidades e suas complexas realidades, os trabalhos de Griffo expõem elementos constitutivos da sociedade de modo a criar relatos sobre a permanência das coisas.

exposições individuais selecionadas

- *Voarei com as asas que os urubus me deram*, Nara Roesler, São Paulo, Brasil (2022)
- *Objetos sobre arquitetura gasta*, Centro Cultural São Paulo (CCSP), São Paulo, Brasil (2017)
- *Intervenções pendentes em estruturas mistas*, Palácio das Artes, Belo Horizonte, Brasil (2015)
- *Predileção pela alegoria*, Galeria Athena, Rio de Janeiro, Brasil (2015)

exposições coletivas selecionadas

- *Sobre os ombros de gigantes*, Nara Roesler, São Paulo, Brasil (2021)
- 21ª Bienal de Arte Contemporânea SESC Vídeo Brasil, São Paulo, Brasil (2019)
- *Intervenções*, Museu da República, Rio de Janeiro, Brasil (2016)
- *Ao amor do público*, Museu de Arte do Rio (MAR), Rio de Janeiro, Brasil (2015)
- *Aparições*, Caixa Cultural, Rio de Janeiro, Brasil (2015)
- *Instabilidade estável*, Paço das Artes, São Paulo, Brasil (2013)

coleções selecionadas

- Denver Art Museum, Denver, Estados Unidos
- Instituto Itaú Cultural, São Paulo, Brasil
- Instituto PIPA, Rio de Janeiro, Brasil
- Museu de Arte do Rio (MAR), Rio de Janeiro, Brasil

angelo venosa





Angelo Venosa
Sem título, 2017
metacrílico, alumínio
e impressão UV
edição de 3 + 2 PA
121 x 170 x 21 cm



angelo venosa

n. 1954, são paulo, brasil

vive e trabalha no rio de janeiro, brasil

No início da década de 1970, Angelo Venosa frequentou a Escola Brasil, espaço experimental de ensino de arte. Em 1974 transferiu-se para o Rio de Janeiro, onde estudou na Escola Superior de Desenho Industrial (ESDI). Na década de 1980 assiste a cursos livres na Escola de Artes Visuais do Parque Lage, epicentro da chamada “Geração 80”. Venosa se distingue de boa parte dos artistas de sua geração, marcada pela retomada da pintura, por ter se dedicado à escultura. Seus trabalhos, em madeira, envoltos por tecido, resina, fibra de vidro ou ossos, cera de abelha e dentes são frequentemente associados a estruturas orgânicas.

Como sintetiza o crítico Lorenzo Mammi: “Ainda mais adequado, talvez, para comentar essas obras, seja um trecho de A montanha mágica, de Thomas Mann: ‘O que era, então, a vida?... era uma febre da matéria... Não era nem matéria nem espírito. Era qualquer coisa entre os dois, um fenômeno sustentado pela matéria, tal e qual o arco-íris sobre a queda-d’água, e igual à chama. Mas, se bem não fosse material, era sensual até a volúpia e até o asco. A precisão técnica da análise e o prazer artesanal da construção, sempre presentes nos trabalhos de Venosa, concorrem para construir não um objeto, mas um corpo, com todas as ressonâncias de alheamento e ameaça que esse termo possa ter. A mosca acaba incorporando a máquina, ou vice versa, no entanto, no resultado final, a vida permanece como um ruído surdo, irreduzível, inquietante.’”

exposições individuais selecionadas

- Projeto Clareira, Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo (MAC USP) (2021), São Paulo, Brasil
- *Catilina*, Paço Imperial, Rio de Janeiro, Brasil (2019)
- *Penumbra*, Memorial Vale, Belo Horizonte, Brasil; Museu Vale, Vila Velha, Brasil (2018)
- *Angelo Venosa: Panorama*, Museu de Arte Moderna Aloísio Magalhães (MAMAM), Recife (2014); Palácio das Artes, Belo Horizonte (2014); Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo (2013); Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil (2012)

exposições coletivas selecionadas

- *Em polvorosa – Um panorama das coleções do MAM Rio*, Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil (2016)
- *30 x Bienal: Transformações na arte brasileira da 1ª à 30ª edição*, Fundação Bienal de São Paulo, São Paulo, Brasil (2013)
- *From the Margin to the Edge: Brazilian Art and Design in the 21st Century*, Sommerset House, Londres, Reino Unido (2012)
- *MAM 60*, Oca, São Paulo, Brasil (2008)
- 5ª Bienal do Mercosul, Brasil (2005)
- 45ª Bienal de Veneza, Itália (1993)
- 19ª Bienal de São Paulo, Brasil (1987)

coleções selecionadas

- Museo Nacional Centro de Arte Reina Sofía (MNCARS), Madri, Espanha
- Instituto Itaú Cultural, São Paulo, Brasil
- Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo (MAC USP), São Paulo, Brasil
- Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil
- Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP), São Paulo, Brasil

artur lescher





Artur Lescher
Finial # 06, 2017
alúminio e latão
edição de 5 + 2 PA
50 x 40 x 40 cm



Artur Lescher
Finial # 03, 2017
aluminio e latão
edição de 5 + 2 PA
38 x 40 x 40 cm



Artur Lescher
Finial # 02, 2017
alúminio
edição de 5 + 2 PA
61 x 40 x 40 cm



Artur Lescher
Finial # 04, 2017
aluminio e latão
edição de 5 + 2 PA
53 x 40 x 40 cm



Artur Lescher
Final # 08, 2021
alúminio e latão
edição de 5 + 2 PA
46 x 40 x 40 cm

artur lescher

n. 1962, são paulo, brasil, onde vive e trabalha

O paulistano Artur Lescher destaca-se no atual panorama da arte contemporânea brasileira por suas obras tridimensionais. Há mais de trinta anos, ele apresenta um sólido trabalho, resultado de uma pesquisa em torno da articulação entre matéria, forma e pensamento. São trabalhos que excedem o caráter de escultura e cruzam as linguagens da instalação e do objeto, a fim de modificar a compreensão destas e do espaço em que se inserem. Ao mesmo tempo que sua prática está atrelada a processos industriais, sua produção não tem por único fim a forma. Ao escolher nomear obras como Rio Máquina, Metamérico ou Inabsência, Lescher sugere narrativas, por vezes contraditórias ou provocativas, que abrem espaço para o mito e a imaginação.

Lescher obteve reconhecimento no âmbito nacional a partir de sua participação na 19ª Bienal de São Paulo, em 1987, onde apresentou *Aerólitos*, obra que consiste no diálogo estabelecido entre dois balões de ar quente, cada um com onze metros de comprimento. Um deles se habitava o interior do pavilhão da mostra, e o outro, a área externa. Ao justapor sólidas estruturas geométricas e materiais resistentes como metal, pedra, madeira, latão e cobre a outros que guardam características de impermanência ou inconstância, como água, azeite e sal, Lescher enfatiza a imponderabilidade, ou “a inquietude”, como observou o crítico e curador Agnaldo Farias em relação a “suas peças, contrariando suas aparências exatas e limpas, passa-nos uma sensação de inquietude, como se nós, espectadores, estivéssemos na iminência de assistir a irrupção de algo, (...), que pode desembocar na violência, no atacamto de materiais, na deformação de um corpo, rastros de uma ação já encerrada.”

exposições individuais selecionadas

- *Artur Lescher: Suspensão*, Estação Pinacoteca, São Paulo, Brasil (2019)
- *Asterismos*, Almine Rech Gallery, Paris, França (2019)
- *Porticus*, Palais d'Iéna, Paris, França (2017)
- *Inner Landscape*, Piero Atchugarry Gallery, Pueblo Garzón, Uruguai (2016)

exposições coletivas selecionadas

- *Tension and Dynamism* Atchugarry Art Center, Miami, Estados Unidos (2018)
- *Mundos transversales – Colección permanente de la Fundación Pablo Atchugarry*, Fundación Pablo Atchugarry, Maldonado, Uruguai (2017)
- *Everything You Are I Am Not: Latin American Contemporary Art from the Tiroche DeLeon Collection*, Mana Contemporary, Jersey, Estados Unidos (2016)
- *El círculo caminaba tranquilo*, Museo de Arte Moderno de Buenos Aires (MAMBA), Buenos Aires, Argentina (2014)
- *The Circle Walked Casually*, Deutsche Bank KunstHalle, Berlim, Alemanha (2013)

coleções selecionadas

- Museo de Arte Latinoamericano de Buenos Aires (MALBA), Buenos Aires, Argentina
- Museum of Fine Arts Houston (MFAH), Houston, Estados Unidos
- Philadelphia Museum of Art, Filadélfia, Estados Unidos
- Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil

abraham palatnik





Abraham Palatnik
Cartão, 2019
cartão duplex e madeira
65 x 60 cm



abraham palatnik

n. 1928, natal, brasil

m. 2020, rio de janeiro, brasil

Abraham Palatnik é figura central da arte cinética e óptica no Brasil. Seu interesse pelas possibilidades criativas das máquinas evoca a relação entre arte e tecnologia. O artista formou-se em engenharia, o que contribuiu para que desenvolvesse investigações técnicas focadas na experimentação com o movimento e a luz, realizando proposições baseadas no fenômeno visual que tornaram seu trabalho conhecido ao longo de sete décadas de produção. Destacou-se no cenário artístico a partir da criação de seu primeiro *Aparelho cinecromático* (1949), peça em que reinventa a prática da pintura por meio do movimento coreografado de lâmpadas de diferentes voltagens em distintas velocidades e direções que criam imagens caleidoscópicas. Exibida na 1ª Bienal de São Paulo (1951), essa instalação de luz recebeu Menção Honrosa do júri internacional por sua originalidade.

As séries de progressões e relevos que iniciou posteriormente, feitas em materiais diversos (como madeira, cartão duplex ou acrílico), apresentam efeitos ópticos e cinéticos criados a partir de um meticuloso processo manual. O resultado são composições abstratas marcadas por um padrão rítmico que remete ao movimento de ondas irregulares. Embora a série *W* tenha incorporado o corte a laser feito por uma empresa especializada, Palatnik continuou construindo e pintando artesanalmente cada peça até o fim de sua vida, a fim de compor os quadros finais.

exposições individuais selecionadas

- *Abraham Palatnik – A reinvenção da pintura*, Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB-BH), Belo Horizonte (2021); Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB-RJ), Rio de Janeiro (2017); Fundação Iberê Camargo (FIC), Porto Alegre (2015); Museu Oscar Niemeyer (MON), Curitiba (2014); Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP), São Paulo (2014); Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB-DF), Brasília, Brasil (2013)
- *Abraham Palatnik: Em movimento*, Nara Roesler, Rio de Janeiro, Brasil (2018)
- *Abraham Palatnik: Progression*, Sicardi Gallery, Houston, Estados Unidos (2017)
- *Palatnik, une discipline du chaos*, Galerie Denise René, Paris, França (2012)

exposições coletivas selecionadas

- *Sur moderno: Journeys of Abstraction – The Patricia Phelps de Cisneros Gift*, Museum of Modern Art (MoMA), Nova York, Estados Unidos (2019)
- *The Other Trans-Atlantic: Kinetic & Op Art in Central & Eastern Europe and Latin America 1950s–1970s*, Sesc Pinheiros, São Paulo, Brasil (2018); Garage Museum of Contemporary Art, Moscou, Rússia (2018); Museum of Modern Art in Warsaw, Varsóvia, Polônia (2017)
- *Delirious: Art at the Limits of Reason, 1950–1980*, Metropolitan Museum of Art, Nova York, Estados Unidos (2018)
- *Kinesthesia: Latin American Kinetic Art, 1954–1969*, Palm Springs Art Museum (PSAM), Palm Springs, Estados Unidos (2017)

coleções selecionadas

- Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil
- Museum of Fine Arts Houston (MFAH), Houston, Estados Unidos
- Museum of Modern Art (MoMA), Nova York, Estados Unidos
- Royal Museums of Fine Arts of Belgium, Bruxelas, Bélgica
- William Keiser Museum, Krefeld, Alemanha

brigida baltar





Brígida Baltar
Minha pele sua pele, 2022
bronze com pátina marrom
7 x 52 x 40 cm

brígida baltar

n. 1959, rio de janeiro, brasil, onde vive e trabalha

O trabalho de Brígida Baltar cruza fronteiras entre vídeo, performance, instalação, desenho e escultura. Nas palavras da curadora Lisette Lagnado, ele envolve um “processo de fabulação, que alude ao retorno de uma narratividade pré-industrial, infantil e primitiva”. A artista começou a desenvolver sua obra na década de 1990, por meio de pequenos gestos poéticos realizados na sua casa-ateliê, localizada em Botafogo, bairro da zona sul do Rio de Janeiro.

Durante quase dez anos, Baltar colecionou materiais da vida doméstica, como a água que escorria de goteiras no telhado ou a poeira marrom-avermelhada dos tijolos de barro das paredes. As ações caseiras foram, em seguida, expandidas para o espaço da rua, originando obras como a série Coletas, em que ela busca capturar o orvalho e a água do mar evaporada, dedicando-se à tarefa impossível de captar o intangível.

A produção recente da artista apresenta uma depuração de questões investigadas anteriormente. Da poeira de tijolos resultam desenhos de montanhas e florestas cariocas que entrelaçam seu trabalho passado com o atual, tornando-os mais do que meras descrições das elevações do terreno e das florestas. Baltar também tem se debruçado sobre sua própria biografia, ao produzir bordados que se relacionam com seu corpo e, em especial, sua pele.

exposições individuais selecionadas

- *Brígida Baltar: Filmes*, Espaço Cultural BNDES, Rio de Janeiro, Brasil (2019)
- *A carne do mar*, Nara Roesler, São Paulo, Brasil (2018)
- SAM Art Project, Paris, França (2012)
- *O amor do pássaro rebelde*, Cavalariças, Parque Lage, Rio de Janeiro, Brasil (2012)
- *Brígida Baltar – Passagem Secreta*, Fundação Eva Klabin, Rio de Janeiro, Brasil (2007)

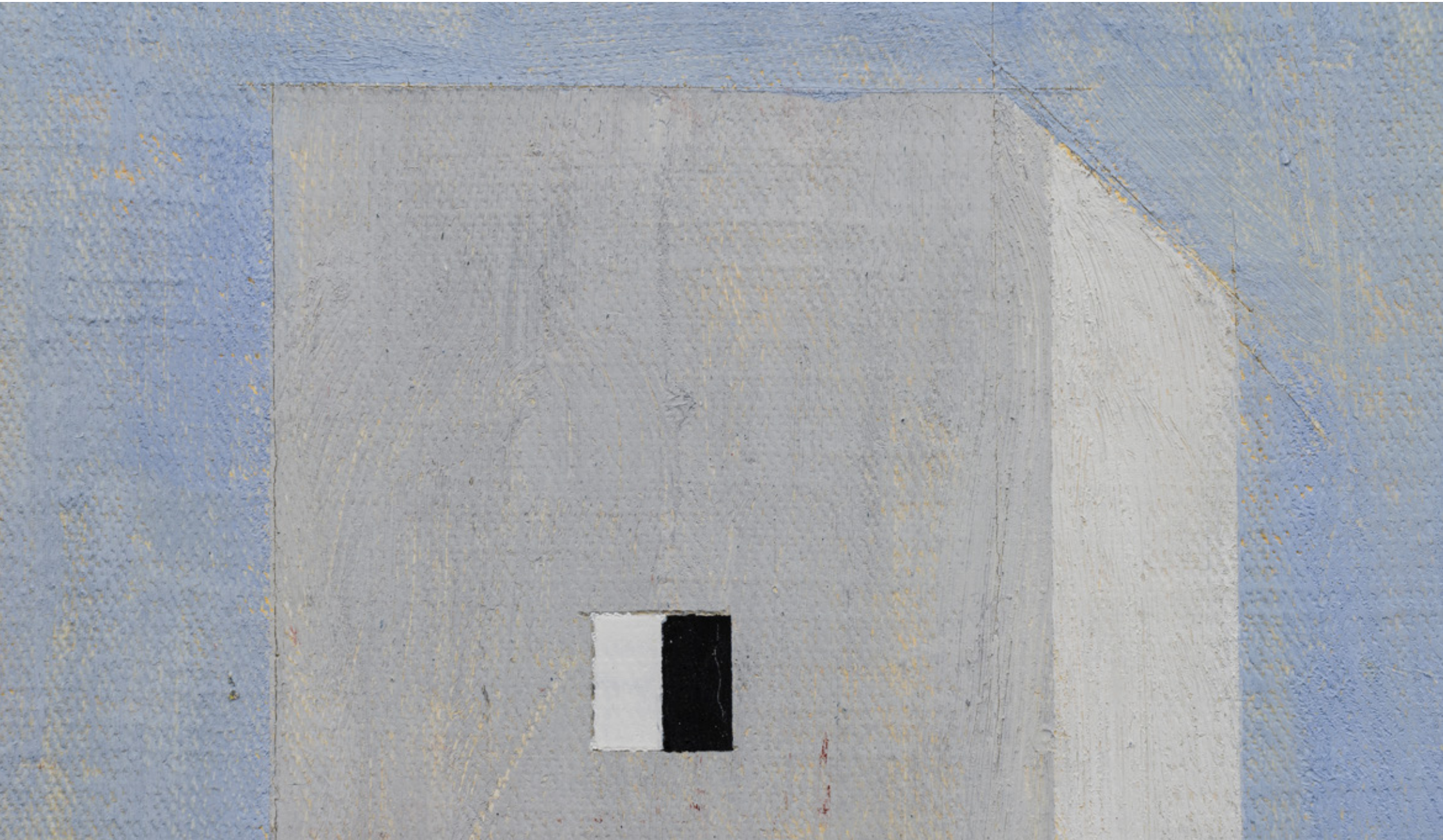
exposições coletivas selecionadas

- 12ª Bienal do Mercosul, Porto Alegre, Brasil (2020)
- *Alegria – A natureza-morta nas coleções MAM Rio*, Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil (2019)
- *I Remember Earth*, Magasin des horizons, Centre d’arts et de Cultures, Grenoble, França (2019)
- *Neither-nor: Abstract Landscapes, Portraits and Still Lives*, Terra-Art Project, Londres, Reino Unido (2017)
- *Constructing Views: Experimental Film and Video from Brazil*, New Museum, Nova York, Estados Unidos (2010)

coleções selecionadas

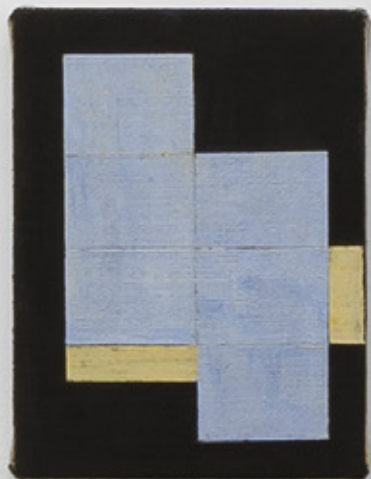
- Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil
- Museum of Fine Arts Houston (MFAH), Houston, Estados Unidos
- Museu de Arte do Rio (MAR), Rio de Janeiro, Brasil
- Museum of Contemporary Art of Cleveland (MOCA), Cleveland, Estados Unidos

fabio miguez





Fabio Miguez
Sem título (Piero), 2021
tinta óleo e cera sobre linho
24,5 x 18,6 x 2 cm



Fabio Miguez
Sem título, 2021
tinta óleo e cera sobre linho
24,4 x 18,6 x 2 cm





Fabio Miguez
Sem título, série Volpi, 2022
tinta óleo e cera sobre linho
190 x 180 cm

fabio miguez

n. 1962, são paulo, brasil, onde vive e trabalha

A pesquisa pictórica de Fábio Miguez é voltada para a espacialidade e a materialidade. Assim como os demais membros fundadores do ateliê Casa 7, Carlito Carvalhosa, Nuno Ramos, Paulo Monteiro e Rodrigo Andrade, Miguez, na década de 1980, era influenciado pela pintura neoexpressionista alemã. No período, seus trabalhos são marcados pelo acúmulo de matéria e pelas tonalidades escuras em composições que remetem à paisagens. Durante os anos 1990, começou a produzir, simultaneamente a seu trabalho pictórico, a série de foto Derivas, que foram publicadas no livro Paisagem zero (2013). Sua pesquisa passa a se debruçar sobre a luz, em composições abstratas, em que a gestualidade expressiva vai dando espaço à uma geometria frouxa, e as cores claras e transparentes ganham protagonismo.

Nos anos 2000, Miguez investiga a pintura no campo tridimensional, criando instalações com a sobreposição intervalada de placas de vidro pintadas, assim como suas valises que comportam objetos que permitem a interação do espectador, recombinao os diversos elementos ali presentes. Sua formação em arquitetura traz uma influência construtiva, que se manifesta em trabalhos da época em que o espaço vai ganhando contornos cada vez mais definidos. Desde 2010, Miguez se dedica à série Atalhos, em que se apropria de fragmentos e detalhes de pinturas de grandes mestres, reelaborando-as em pinturas de pequenas dimensões, empregando repetições e operações de inversão e espelhamento. Um desdobramento desse conjunto são as pinturas da série Volpi, na qual o artista se apropria de um fragmento de uma fachada do pintor itálo-brasileiro, reelaborando-a em grandes pinturas.

exposições individuais selecionadas

- *Fragmentos do real (atalhos)* – Fábio Miguez, Instituto Figueiredo Ferraz (IFF), Ribeirão Preto, Brasil (2018)
- *Horizonte, deserto, tecido, cimento*, Nara Roesler, Rio de Janeiro (2016); Nara Roesler, São Paulo, Brasil (2015)
- *Paisagem zero*, Centro Universitário Maria Antonia (CeUMA), São Paulo, Brasil (2012)
- *Temas e variações*, Instituto Tomie Ohtake (ITO), São Paulo, Brasil (2008)
- *Fábio Miguez*, Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil (2003)

exposições coletivas selecionadas

- *Coleções no MuBE: Dulce e João Carlos de Figueiredo Ferraz – Construções e geometrias*, Museu de Ecologia e Escultura (MuBE), São Paulo, Brasil (2019)
- *Oito décadas de abstração informal*, Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP), São Paulo, Brasil (2018)
- *Casa 7, Pivô*, São Paulo, Brasil (2015)
- 5ª Bienal do Mercosul, Brasil (2005)
- 2ª Bienal de Havana, Cuba (1986)
- 18ª e 20ª Bienal de São Paulo, Brasil (1985 e 1989)

coleções selecionadas

- Centro Cultural São Paulo (CCSP), São Paulo, Brasil
- Instituto Figueiredo Ferraz (IFF), Ribeirão Preto, Brasil
- Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP), São Paulo, Brasil
- Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil
- Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil

daniel senise





Daniel Senise
Sem título (Tate), 2021
técnica mista sobre alumínio
150 x 250cm

daniel senise

n. 1955, rio de janeiro, brasil, onde vive e trabalha

Daniel Senise é um dos representantes da chamada Geração 80, marcada pelo processo de retomada da pintura no Brasil. Desde o final da década de 1990, sua prática artística consiste no que pode ser descrito como “construção de imagens”. O processo começa com a impressão de superfícies – como pisos de madeira ou paredes de concreto – sobre tecidos, à maneira de monotípias. Esse material serve de base para suas obras, seja como área a ser trabalhada ou como fragmento a ser colado sobre outra imagem, frequentemente, fotográfica.

Sua produção tem forte relação com o espaço, cujos restos são incorporados aos trabalhos, de modo que ele passa a ser apresentado não só como figuração, mas também como matéria exposta. Cerâmicas quebradas, barras de metal, pedaços de madeira, poeira, entre outros elementos encontrados, são fixados sobre as imagens, servindo como anteparos que dificultam com que ela seja vista e, ao mesmo tempo, ressaltam seu caráter de rastro. Cria-se um jogo entre a realidade da matéria e sua representação. Por outro lado, o tempo também se faz fundamental, sobrepondo cronologias, gestos e vivências, a partir das complexas relações entre permanência e desaparecimento.

exposições individuais selecionadas

- *Antes da palavra*, Fundação Iberê Camargo (FIC), Porto Alegre, Brasil (2019)
- *Printed Matter*, Nara Roesler, Nova York, Estados Unidos (2017)
- *Quase aqui*, Oi Futuro Flamengo, Rio de Janeiro, Brasil (2015)
- *2892*, Casa França-Brasil, Rio de Janeiro, Brasil (2011)
- Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil (2009)
- *Vai que nós levamos as partes que te faltam*, Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil (2008)
- *The Piano Factory*, Instituto Tomie Ohtake, São Paulo, Brasil (2002)
- Museo de Arte Contemporáneo, Monterrey, México (1994)
- Museum of Contemporary Art, Chicago, EUA (1991)

exposições coletivas selecionadas

- *3ª Bienal de Coimbra*, Portugal (2019)
- *Modos de ver o Brasil: Itaú Cultural 30 anos*, Oca, São Paulo, Brasil (2017)
- *Os muitos e o um: arte contemporânea brasileira*, Instituto Tomie Ohtake (ITO), São Paulo, Brasil (2016)
- *Las Américas Latinas – Las fatigas del querer*, Spazio Oberdan, Milão, Itália (2009)
- 44ª Bienal de Veneza, Itália (1990)

coleções selecionadas

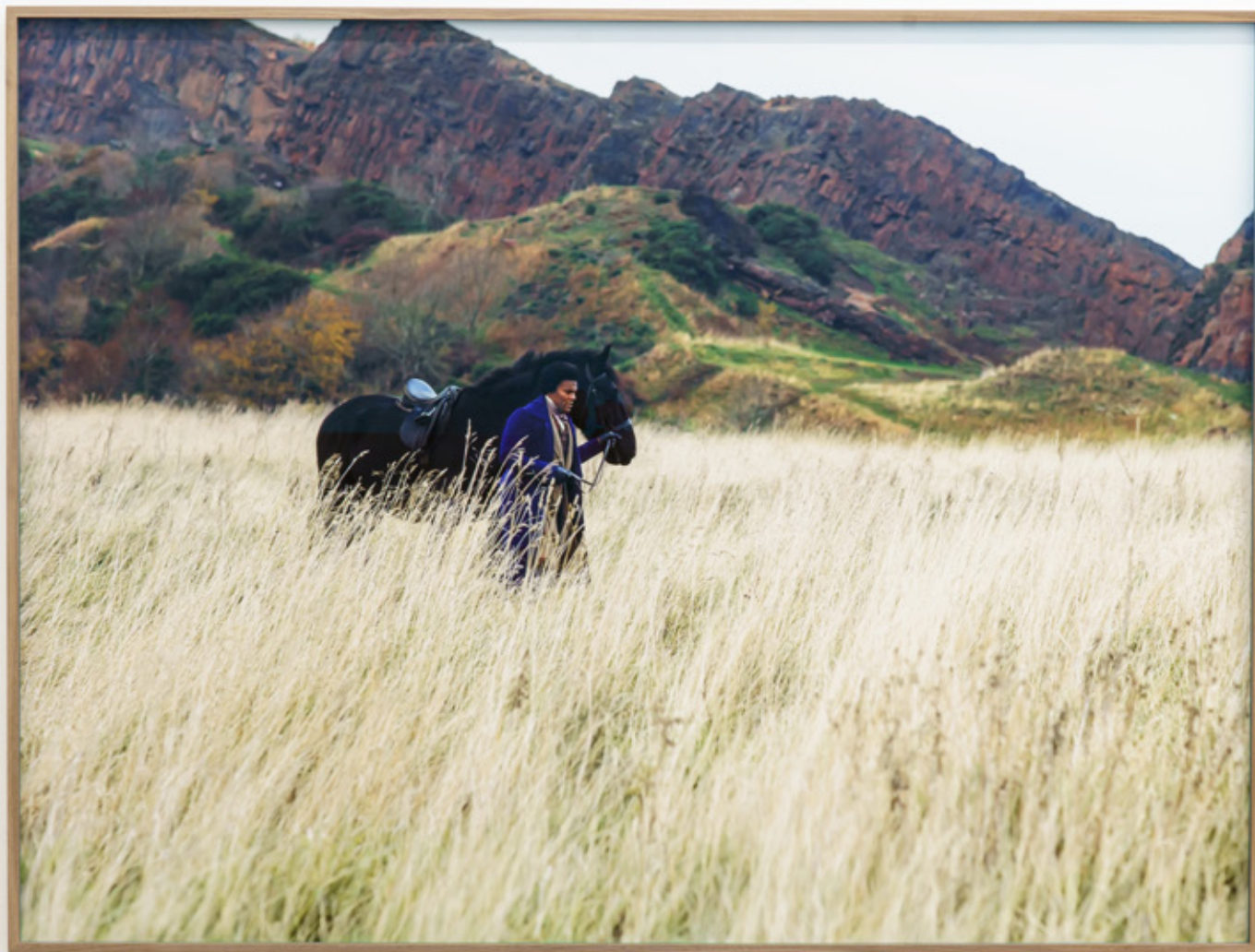
- Stedelijk Museum Amsterdam, Amsterdam, Holanda
- Ludwig Museum, Köln, Alemanha
- Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil
- Museu de Arte Contemporânea de Niterói (MAC-Niterói), Niterói, Brasil
- Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand (MASP), São Paulo, Brasil

isaac julien





Isaac Julien
A Chattel Becomes a Man
(*Lessons of the Hour*), 2019
fotografia em papel archival
fosco sobre alumínio
edição de 6 + 1 PA
110 x 73,3 cm



Isaac Julien
Lessons of The Hour
(*Lessons of The Hour*), 2019
fotografia em papel archival
fosco sobre alumínio
edição de 6 + 1 PA
160 x 213,3 cm



isaac julien

n. 1960, londres, reino unido, onde vive e trabalha

Isaac Julien é um dos mais importantes e influentes artistas britânicos nos campos da instalação e do cinema. Em seu trabalho, ele utiliza elementos provenientes de disciplinas e práticas variadas (entre elas cinema, fotografia, dança, música, teatro, pintura e escultura), integrando-os em instalações audiovisuais dramáticas, obras fotográficas e documentários. A pluralidade não se faz presente apenas nas linguagens agenciadas em seu processo, mas também no resultado, exibido em instalações compostas por múltiplas telas e, por vezes, fotografias. Suas imagens deslumbrantes e potentes articulam uma linguagem visual única e poética.

Os trabalhos de Julien surgem de investigações sobre personalidades proeminentes do século XX, tais como Langston Hughes, Frantz Fanon e Lina Bo Bardi, atuando, muitas vezes, de modo a revisar as narrativas históricas oficiais. Apesar do principal meio de produção do artista ser o vídeo, a fotografia possui papel fundamental no seu processo. Em suas fotos, encontramos a síntese estética de seu trabalho audiovisual, assim como sua renovação, a partir de procedimentos de colagem e fotomontagem.

Seu filme *Young Soul Rebels* (1991) recebeu o prêmio Semaine de la Critique no Festival de Cinema de Cannes. *Frantz Fanon: Black Skin, White Mask* (1996), co-dirigido por Mark Nash, venceu o Grande Prêmio Pratt and Whitney Canada. Julien também foi contemplado com o Prêmio McDermott do MIT e o Prêmio The Golden Gate Persistence of Vision (2014), no Festival de Cinema de São Francisco. Em 2015, Isaac Julien recebeu o Prêmio Kaino por Excelência Artística.

exposições individuais selecionadas

- *Lessons of the Hour*, Metro Pictures; Memorial Art Gallery (MAG), Nova York, Estados Unidos (2019)
- *Western Union: Small Boats*, ARoS Aarhus Kunstmuseum, Aarhus, Dinamarca (2018)
- *To the End of the World*, Galerie Forsblom, Estocolmo, Suécia (2018)
- *Ten Thousand Waves*, Museu de Arte Contemporânea de Niterói (MAC-Niterói), Niterói, Brasil (2016)

exposições coletivas selecionadas

- 57ª Bienal de Veneza, Itália (2017)
- *Coming Out: Sexuality, Gender and Identity*, Walker Museum, Liverpool; Birmingham Museum and Art Gallery, Birmingham, Reino Unido (2017)
- *The Shadow Never Lies*, Minsheng Museum, Shanghai, China (2016)
- Trienal de Paris, França (2012)
- 7ª Bienal de Gwangju, Coréia do Sul (2008)

coleções selecionadas

- Art Institute of Chicago, Chicago, Estados Unidos
- Centre Georges Pompidou, Paris, França
- Museum of Modern Art (MoMA), Nova York, Estados Unidos
- Solomon R. Guggenheim Museum, Nova York, Estados Unidos
- Tate Modern, Londres, Reino Unido

berna reale





Berna Reale
Olhe pra mim, 2022
tinta óleo sobre aço
122 x 100 cm

berna reale

n. 1965, belém do pará, brasil, onde vive e trabalha

Berna Reale é uma das artistas mais importantes no cenário brasileiro atual, sendo reconhecida como uma das principais expoentes da prática de performance no país. Reale iniciou sua carreira artística no começo da década de 1990. Seu primeiro trabalho de grande impacto, *Cerne* (25º Salão Arte Pará, 2006), intervenção fotográfica realizada no Mercado de Carne do Complexo do Ver-o-Peso, conduziu a artista ao Centro de Perícias Renato Chaves, onde passou a trabalhar como perita a partir de 2010.

Desde então, Reale tem explorado seu próprio corpo como elemento central da produção de suas performances, fotografias e vídeos. Seus trabalhos, marcados pela abordagem crítica dos aspectos materiais e simbólicos da violência e dos processos de silenciamento presentes nas mais diversas instâncias da sociedade, investigam a importância das imagens na manutenção de imaginários e ações brutais. A potência de sua produção reside na contraposição entre o desejo de aproximação e o sentimento de repulsa, ressaltando a ironia que resulta da combinação entre o fascínio e a aversão da sociedade pela violência.

A fotografia, nesse contexto, desempenha um papel fundamental. Ela não é apenas o meio de registro de suas ações, capaz de perpetuá-las, mas um desdobramento de seu processo de criação.

exposições individuais selecionadas

- *While You Laugh*, Nara Roesler, Nova York, Estados Unidos (2019)
- *Festa*, Viaduto das Artes, Belo Horizonte, Brasil (2019)
- *Deformation*, Bergkirche (2017)
- *Berna Reale – Über uns / About Us*, Kunsthaus, Wiesbaden, Alemanha (2017)
- *Berna Reale: Singing in the Rain*, Utah Museum of Contemporary Art (UMoCA), Salt Lake City, Estados Unidos (2016)
- *Vazio de nós*, Museu de Arte do Rio (MAR), Rio de Janeiro, Brasil (2013)

exposições coletivas selecionadas

- 3rd Beijing Photo Biennial, China (2018)
- *Brasile. Il coltello nella carne*, Padiglione d'Arte Contemporanea Milano (PAC-Milano), Milão, Itália (2018)
- *Video Art in Latin America*, Il Pacific Standard Time: LA/LA (II PST: LA/LA), LAXART, Hollywood, Estados Unidos (2017)
- 56^a Bienal de Veneza, Itália (2015)
- *Artistas comprometidos? Talvez*, Fundação Calouste Gulbenkian (FCG), Lisboa, Portugal (2014)

coleções selecionadas

- Instituto Itaú Cultural, São Paulo, Brasil
- Kunsthaus Wiesbaden, Wiesbaden, Alemanha
- Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP), São Paulo, Brasil
- Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil

bruno dunley



Bruno Dunley
Vulto, 2022
tinta óleo sobre tela
225 x 280 cm



bruno dunley

n. 1984, petrópolis, brasil,
vive e trabalha em são paulo, brasil

No universo pictórico de Bruno Dunley, promessas são constantemente feitas e quebradas, distendendo os limites da visualidade. Seu trabalho explora a pintura não apenas como técnica de figuração expressiva, mas busca refletir sobre a própria especificidade do meio, principalmente no que diz respeito à sua materialidade e função representativa na tradição artística. Dunley é um dos expoentes da nova e proeminente geração de pintores brasileiros e um dos fundadores do Grupo 2000e8. O coletivo de jovens artistas foi criado em São Paulo devido a um interesse compartilhado pela pintura e pela vontade de desenvolver um pensamento crítico sobre a técnica na contemporaneidade.

O processo de Dunley parte de composições rigorosamente construídas que passam por correções e alterações graduais e cuja função é revelar as lacunas e lapsos da percepção visual. Frequentemente, uma única cor predomina na superfície, o que gera uma postura meditativa diante do trabalho. Contudo, há a busca crescente por configurações mais agressivas, expressivas e contrastadas, por cores vibrantes. Em sua prática, a temática é sempre dúplice: o artista pinta influenciado pelo encontro com imagens cotidianas, assim como pelo estudo aprofundado do campo pictórico. Ambas convergem, porém, no uso pronunciado dos códigos dessa linguagem. Gestos, planos e cores fazem a representação emergir mais como um alfabeto, um território comum, em que o processo de feitura sempre está presente.

exposições individuais selecionadas

- *The Mirror*, Nara Roesler, Nova York, Estados Unidos (2018)
- *Dilúvio*, SIM Galeria, Curitiba, Brasil (2018)
- *Ruído*, Nara Roesler, Rio de Janeiro, Brasil (2015)
- e, Centro Universitário Maria Antonia (CeUMA), São Paulo, Brasil (2013)
- 11bis Project Space, Paris, França (2011)

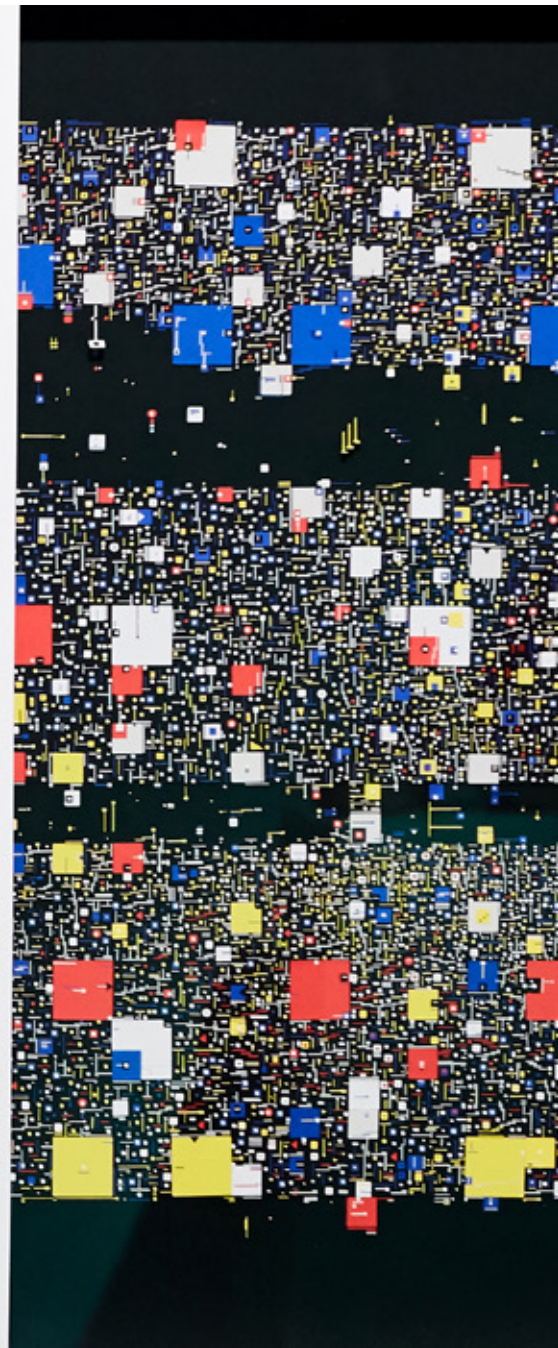
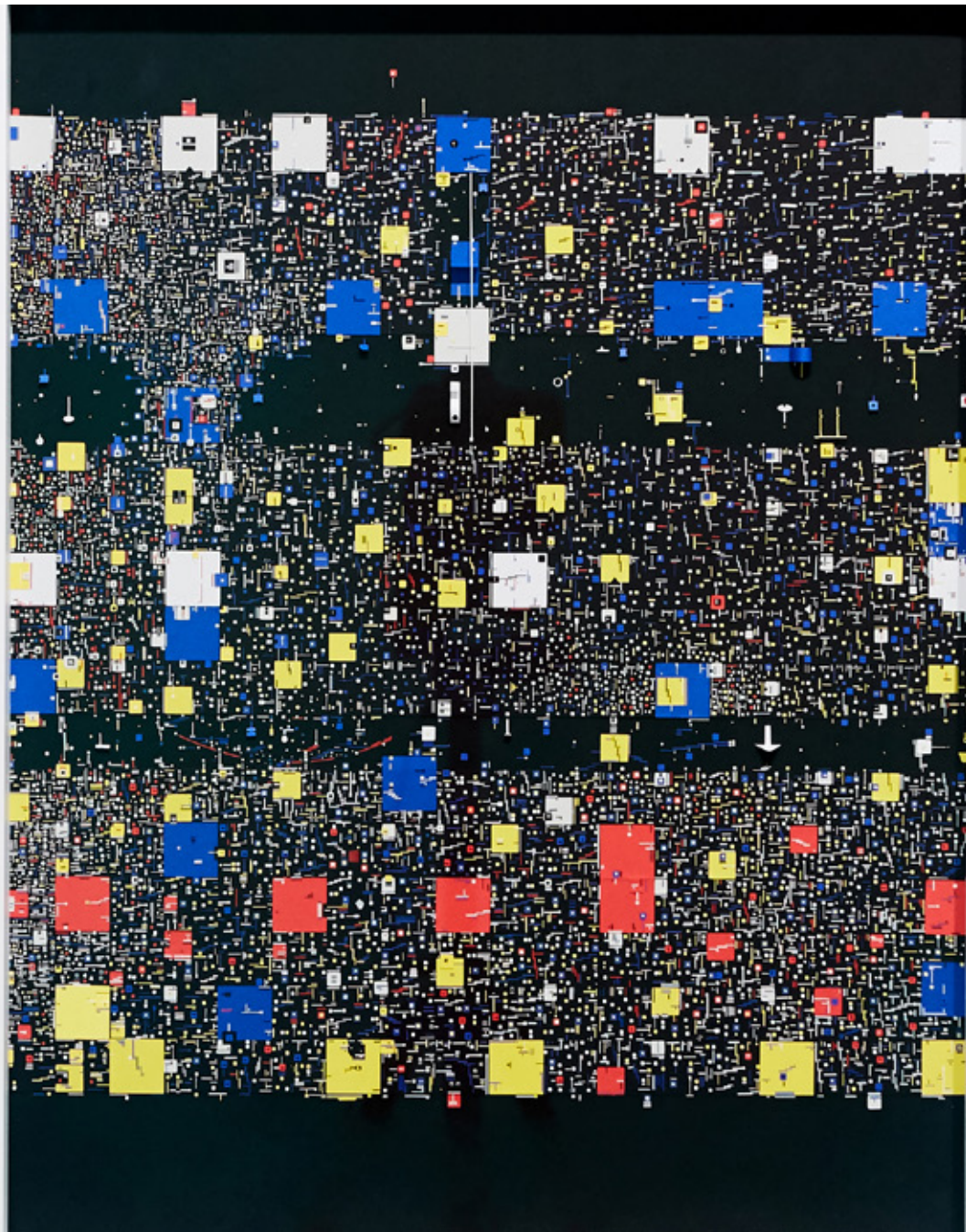
exposições coletivas selecionadas

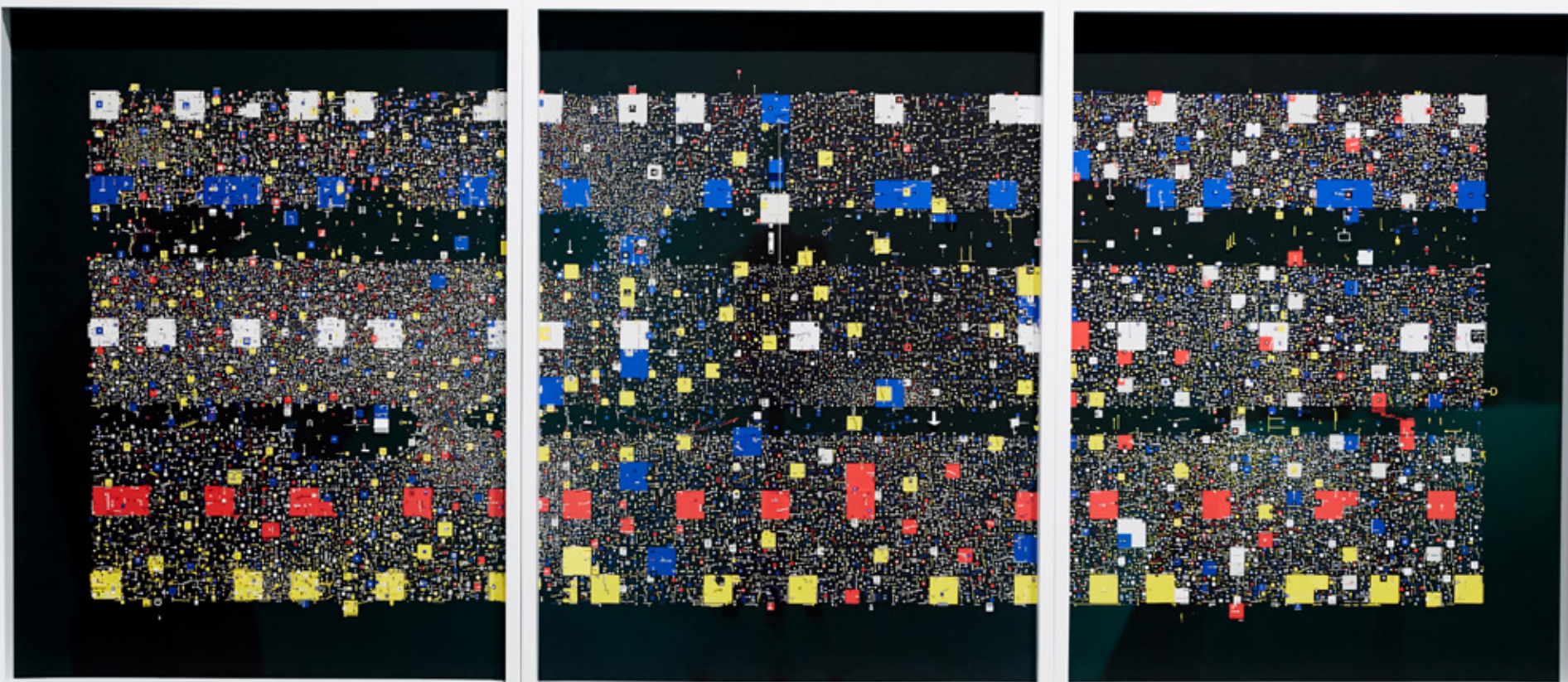
- *Triangular: Arte deste século*, Casa Niemeyer, Brasília, Brasil (2019)
- *AI-5 50 ANOS – Ainda não terminou de acabar*, Instituto Tomie Ohtake (ITO), São Paulo, Brasil (2018)
- *139 X NOTHING BUT GOOD, Park – platform for visual arts*, Tilburg, Países Baixos (2018)
- *Visões da arte no acervo do MAC USP 1900–2000*, Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo (MAC USP), São Paulo, Brasil (2016)
- *Deserto-modelo*, 713 Arte Contemporâneo, Buenos Aires, Argentina (2010)

coleções selecionadas

- Instituto Itaú Cultural, São Paulo, Brasil
- Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo (MAC USP), São Paulo, Brasil
- Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP), São Paulo, Brasil
- Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil

marco maggi





Marco Maggi
Three Paragraphs, 2017
adesivos multicoloridos sobre
cartão museológico preto
60,96 x 45,72 cm (cada)

marco maggi

n. 1957, montevidéo, uruguai

vive e trabalha em nova york, estados unidos

A presença do papel e o caráter intimista são duas constantes na produção de Marco Maggi, mesmo em suas grandes instalações. Desde a consolidação de sua carreira, na década de 1990, ele estimula o espectador, de forma espirituosa e delicada, a diminuir o ritmo cotidiano e observar com vagar, prestar atenção e se aprofundar em suas obras, na vida ao seu redor e na sociedade em que se vive. Nas palavras do curador Adriano Pedrosa, o artista “finca trincheiras no embate com a velocidade”.

Na série *The Ted Turner Collection – from CNN to the DNA*, Maggi demonstra senso crítico apurado, usando reproduções de obras de artistas como Gerhard Richter, Andy Warhol e Hélio Oiticica para comentar a condição midiática da vida atual. Pilhas de papel em branco cobrem reproduções e, filetadas com precisão, criam relevos e aberturas que revelam traços da imagem oculta, formando uma grande paisagem branca com pequenas aberturas de cor. Suas instalações também fazem uso do papel, mas as numerosas pilhas, à distância, não revelam sua natureza; é preciso se aproximar, ter certa intimidade com as obras, dedicar-lhes algum tempo para descobrir o que revelam.

exposições individuais selecionadas

- *O papel é inocente*, Museu Brasileiro de Escultura e Ecologia (MuBE), São Paulo, Brasil (2018)
- *Putin's Pencils*, Sicardi Gallery, Houston, Estados Unidos (2017)
- *Piano Piano*, Espacio Monitor, Caracas, Venezuela (2016)
- *Drawing Attention*, Kemper Museum of Contemporary Art, Kansas, Estados Unidos

exposições coletivas selecionadas

- *Art_Latin_America: Against the Survey*, Davis Museum at Wellesley College, Wellesley, Estados Unidos (2019)
- *Latinoamérica: volver al futuro*, Museo de Arte Contemporáneo de Buenos Aires (MACBA), Buenos Aires, Argentina (2018)
- *Tension and Dynamism*, no Atchugarry Art Center, Miami, Estados Unidos (2018)
- *Paper into Sculpture*, no Nasher Sculpture Center, Dallas, Estados Unidos (2017)
- 8ª Bienal de Havana, Cuba (2003)
- 25ª Bienal de São Paulo, Brasil (2002)

coleções selecionadas

Cisneros-Fontanals Foundation (CIFO), Miami, Estados Unidos
Daros Foundation, Zurique, Suíça
Drawing Center, Nova York, Estados Unidos
Solomon R. Guggenheim Museum, Nova York, Estados Unidos
Museum of Modern Art (MoMA), Nova York, Estados Unidos

marcos chaves





Marcos Chaves
3 Graças, 2022
impressão UV sobre alumínio
edição de 5 + 2 PA
131 x 300 cm

marcos chaves

n. 1961, rio de janeiro, brasil, onde vive e trabalha

Apesar de ter iniciado sua carreira na primeira metade dos anos 1980 (quando a pintura ocupava lugar central na prática artística), é na utilização de diversas mídias que Marcos Chaves encontra uma das marcas de sua obra, que transita livremente entre a produção de fotografias, instalações, vídeos, palavras e sons. Essa variedade realiza-se em consonância com seu trabalho profundamente crítico e que, não obstante a coerência, permanece aberto a interpretações, especialmente em função da marcada presença de humor e ironia.

Em sua obra, é frequente a apropriação de pequenos elementos ou cenas da vida cotidiana, que evidenciam, de maneira direta, ou a partir de pequenas intervenções, o caráter extraordinário que pode habitar no prosaico.

Sua produção se insere, de maneira renovada, na longa tradição de artistas que tensionam a relação entre imagem e linguagem ao propor, por exemplo, títulos sutilmente ambíguos e divertidos, que conduzem a uma reflexão bem-humorada sobre a sociedade e a cultura.

exposições individuais selecionadas

- Marcos Chaves: as imagens que nos contam, Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil
- Marcos Chaves no MAR, Museu de Arte do Rio (MAR), Rio de Janeiro, Brasil (2019)
- Eu só vendo a vista, Museu de Arte Contemporânea de Niterói (MAC-Niterói), Rio de Janeiro, Brasil (2017)
- Marcos Chaves – ARBOLABOR, Centro de Arte de Caja de Burgos (CAB), Burgos, Espanha (2015)
- Logradouro, Centro Universitário Maria Antonia (CeUMA), São Paulo, Brasil (2004)

exposições coletivas selecionadas

- *Alegria – A natureza-morta nas coleções MAM Rio*, Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil (2019)
- *Inside the Collection – Approaching Thirty Years of the Centro Pecci (1988–2018)*, Centro per l'Arte Contemporanea Luigi Pecci, Prato, Itália (2018)
- *Troposphere – Chinese and Brazilian Contemporary Art*, Beijing Minsheng Art Museum, Pequim, China (2017)
- 17ª Bienal de Cerveira, Portugal (2013)
- 54ª Bienal de Veneza, Itália (2011)
- Manifesta 7, Bolzano, Itália (2007)
- *All About Laughter – Humour in Contemporary Art*, Mori Art Museum, Tóquio (2006)
- 4ª Bienal do Mercosul, Porto Alegre, Brasil (2005)
- 25ª Bienal de São Paulo, Brasil (2002)

coleções selecionadas

- Centro de Arte de Caja de Burgos (CAB), Burgos, Espanha
- Ella Fontanals-Cisneros Collection, Miami, Estados Unidos
- Instituto Itaú Cultural, São Paulo, Brasil
- Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil

maria klabin



—
Maria Klabin
Pregnant Alexia, 2022
tinta óleo sobre tela
140 x 200 cm



maria klabin

n. 1978, rio de janeiro, brasil, onde vive e trabalha

A obra de Maria Klabin envolve cenas, ocorrências e paisagens permeadas pelo cotidiano e, portanto, vistas e vivenciadas de forma exaustiva. Ao lidar com elementos onipresentes, Klabin extrai a cadência de sua recorrência, buscando captar o ritmo formal embutido na repetição, ou banalidade, de sua experiência. O processo da artista consiste em produzir e reunir constantemente desenhos, fotografias e anotações que ela extrai de seu entorno. O acúmulo de pensamentos e imagens se entrelaçam e integram um sentido unitário, desvelando as intrigantes relações que constituem o centro das investigações pictóricas da artista. Em suas próprias palavras, Klabin desenvolve seu trabalho “como se estivesse escrevendo uma história, ou um diário, mas um diário de coisas que não aconteceram realmente. É uma narrativa que pode ser contada apenas através da pintura, mas que aborda temas que parecem mais familiares para escritores do que para pintores.”

Maria Klabin oscila entre extremos no que diz respeito a escala de seus trabalhos, produzindo pinturas ora pequenas, ora monumentais, a depender da natureza do tema abordado. Suas telas em reduzidas dimensões costumam servir de suporte para os fluxos rápidos de pensamento – como anotações em papel, que possivelmente tomam proveito do seu inconsciente – e capturam, efetivamente, o ritmo de seu entorno. Suas pinturas em grande formato, por sua vez, incorporam percepções de cunho mais contemplativo e onírico. Recentemente, Klabin produziu uma série de pinturas de paisagens que se aproximam da escala do mural, partindo de fragmentos de elementos autobiográficos, destilados do que ela descreve como uma improvável e fluida colcha de retalhos da memória, o que resulta em composições não atraentes e assustadoras que escapam a objetividade.

exposições individuais selecionadas

- *Entre rio e pedra*, Galeria Silvia Cintra, Rio de Janeiro, Brasil (2017)
- *E o dia havia acabado*, quando começou, Galeria Silvia Cintra, Rio de Janeiro, Brasil (2014)

exposições coletivas selecionadas

- *In Waiting: Works Produced in Isolation*, Nara Roesler, São Paulo, Brasil (2020)
- *Já estava assim quando eu cheguei*, Ron Mandos, Amsterdam, Holanda (2020)
- *Festival de Arte Contemporânea*, SESC VideoBrasil, São Paulo, Brasil (2012)
- *Novas aquisições da Coleção Gilberto Chateaubriand*, Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil (2012)
- *Rumos 2005/06 Paradoxos Brasil*, Itaú Cultural, São Paulo, Brasil (2006)
- *Além da imagem*, Paço Imperial, Rio de Janeiro, Brasil (2006)

coleções selecionadas

- Instituto Itaú Cultural, São Paulo, Brasil
- Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil

cristina canale





Cristina Canale
Nostalgia, 2020
tinta óleo sobre algodão
170 x 200 cm

cristina canale

n. 1961, rio de janeiro, brasil

vive e trabalha em berlim, alemanha

Cristina Canale surgiu no circuito de arte ao participar da emblemática coletiva *Como vai você, Geração 80?*, na Escola de Artes Visuais do Parque Lage (EAV Parque Lage), no Rio de Janeiro, em 1984. Como no caso de muitos de seus colegas da chamada “Geração 80”, sua produção inicial está em consonância com o processo de retomada da pintura no contexto internacional, influenciado pela tendência do neoexpressionismo alemão. Carregadas de elementos visuais e volume de tinta, suas primeiras pinturas apresentam um caráter matérico, distinguindo-se pelo uso intuitivo de cores contrastantes e vivas que é notável em suas obras até hoje. No começo da década de 1990, Canale mudou-se para Düsseldorf, na Alemanha, onde estudou sob orientação do artista conceitual holandês Jan Dibbets. Suas composições passaram a investigar a espacialidade, a partir da sugestão de planos e profundidades e da maior fluidez no uso das cores, características que marcaram sua produção nesse período.

Geralmente baseadas em cenas prosaicas do cotidiano, muitas vezes extraídas da fotografia publicitária, suas obras resultam de um elaborado trabalho de composição e se destacam por transitar entre a figuração que se esvai na abstração, por um lado, e a abstração que evoca uma figuração, por outro. Para o curador e crítico de arte Tiago Mesquita, a produção de Canale contrapõe-se à busca por estruturas de constituição da imagem conforme praticado por artistas como Gerhard Richter e Robert Ryman, uma vez que aborda “a imagem e os gêneros consagrados da pintura de forma subjetiva, acreditando em uma experiência singular”.

exposições individuais selecionadas

- *Cabeças/falantes*, Nara Roesler, São Paulo, Brasil (2018)
- *Cristina Canale: Zwischen den Welten*, Kunstforum Markert Gruppe, Hamburgo, Alemanha (2015)
- *Entremundos*, Paço Imperial, Rio de Janeiro, Brasil (2014)
- *Espelho e memória – Spiegel und Erinnerung*, Galerie Atelier III, Barmstedt, Alemanha (2014)
- *Arredores e rastros*, Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil (2010)

exposições coletivas selecionadas

- *Ateliê de gravura: da tradição à experimentação*, Fundação Iberê Camargo (FIC), Porto Alegre, Brasil (2019)
- *Mulheres na Coleção MAR*, Museu de Arte do Rio (MAR), Rio de Janeiro, Brasil (2018)
- *MACS Fora de casa – Poéticas do feminino*, Sesc Sorocaba, Sorocaba, Brasil (2018)
- *Alucinações à beira mar*, Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil (2017)
- *Land der Zukunft, Lichthof – Auswärtiges Amt*, Berlim, Alemanha (2013)

coleções selecionadas

- Instituto Itaú Cultural, São Paulo, Brasil
- Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo (MAC USP), São Paulo, Brasil
- Museu de Arte Contemporânea de Niterói (MAC-Niterói), Niterói, Brasil
- Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil
- Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil

daniel buren



Daniel Buren
*Prismas e Espelhos, alto relevo -
n° XIX: trabalho situado, 2017*
madeira, cola, laca,
espelho e adesivo vinil
240 x 120 x 31 cm





Daniel Buren
*Prismas e Espelhos, alto-relevo -
n°XXIII: trabalho situado, 2018*
madeira, cola, laca,
espelho e adesivo vinil
225 x 135 x 31 cm

daniel buren

n. 1938, boulogne-billancourt, França
vive e trabalha *in situ*

Daniel Buren é figura central na arte conceitual desde a década de 1960, quando atuou como membro fundador da associação Buren, Mosset, Parmentier, Toroni (BMPT). Amplamente conhecido pelo uso de grandes listras simétricas de cores contrastantes dispostas sobre superfícies ou espaços arquitetônicos. Naquela época, Buren começou a produzir intervenções em lugares públicos sem autorização prévia. Ele começou a distribuir centenas de pôsteres listrados por Paris e, mais tarde, em mais de 100 estações de metrô, o que rapidamente chamou a atenção do público. Não demorou muito para voltar seu interesse para a influência da arquitetura (em especial a de museus) na arte. O artista passou a produzir trabalhos mais tridimensionais e a conceber proposições a partir da modulação do espaço que habitam.

Buren desafia as noções convencionais dos lugares onde a arte pode ser vista e como ela pode ser compreendida. Sua prática instaura um ambiente não só discursivo, mas físico, dentro e ao redor do qual o público pode se movimentar. Por isso, ele se tornou responsável por introduzir a noção de “in situ” nas artes visuais, conceito que caracteriza a prática que conecta o trabalho às especificidades físicas e culturais dos locais onde ele é apresentado. A partir da década de 1990, o artista passa a, literalmente, instalar cores no espaço, utilizando filtros e lâminas de vidro ou acrílico. Desse modo, o trabalho parece invadir nosso espaço – sensação que Buren intensifica pelo uso de espelhos –, convidando o espectador a envolver-se com ele com todo seu corpo.

Recentemente, suas investigações evoluíram para o uso da luz como meio de produzir efeitos de cor em macroescala e de espelhos para alterar o espaço pela refração da imagem. Seu trabalho foi amplamente exibido internacionalmente, realizando apresentações icônicas, em mais de uma dúzia de edições da Bienal de Veneza, pela qual recebeu o Leão de Ouro por “Melhor Pavilhão”, em 1986.

exposições individuais selecionadas

- *Daniel Buren. De cualquier manera, trabajos ‘in situ’*, Museo de Arte Italiano, Lima, Peru (2019)
- *Daniel Buren. Une Fresque / Een Fresco / a Fresco*, BOZAR/Palais des Beaux-Arts, Bruxelas, Bélgica (2016)
- *Daniel Buren. Comme un jeu d’enfant, travaux in situ*, Musée d’Art moderne et contemporain, Strasbourg, França (2015)
- *Allegro Vivace*, Staatliche Kunsthalle Baden-Baden, Baden-Baden, Alemanha (2011)
- *The Eye of the Storm*, Solomon R. Guggenheim Museum, Nova York, Estados Unidos (2005)
- *Le Musée qui n’existait pas*, Centre Georges Pompidou, Paris, França (2002)

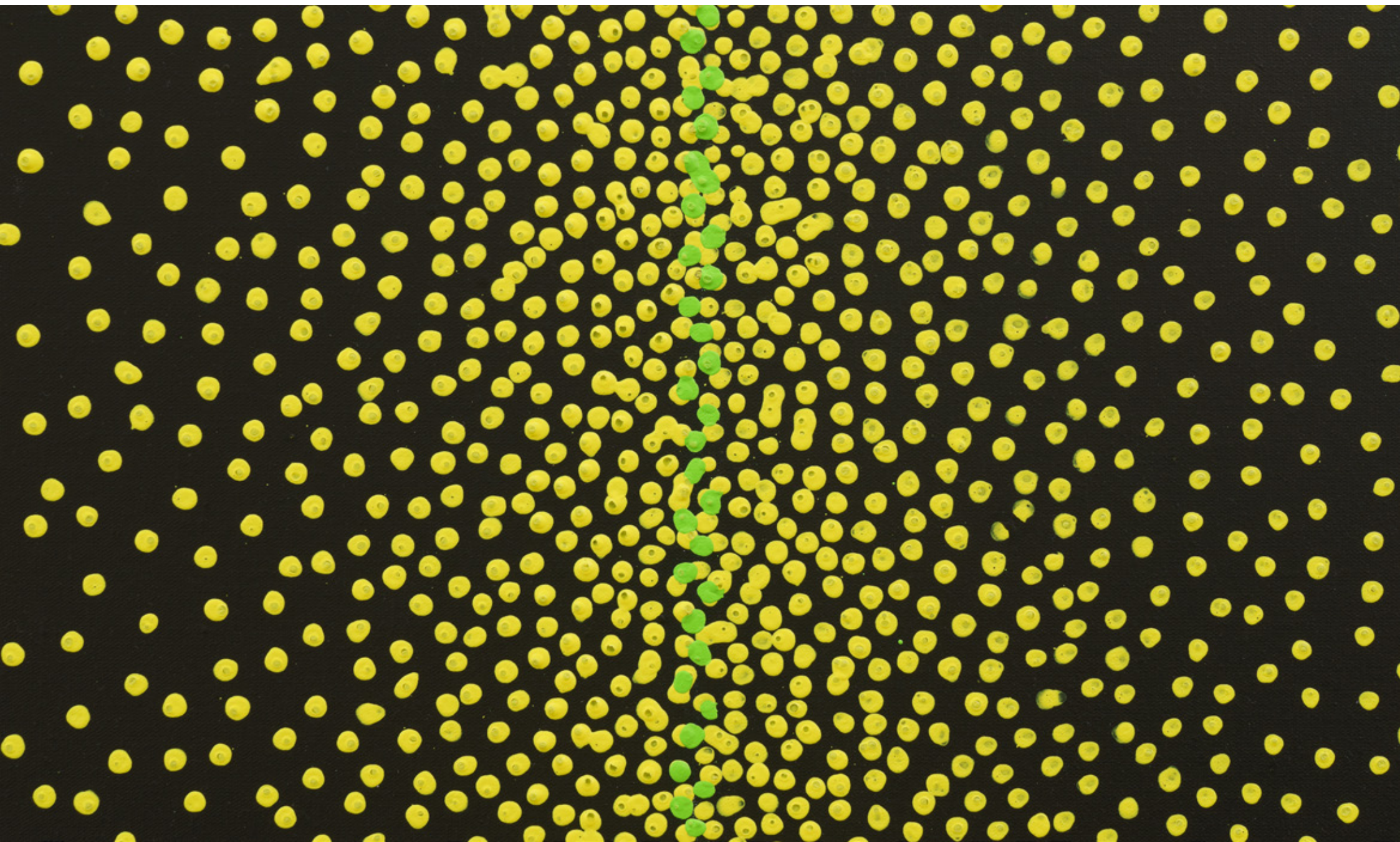
exposições coletivas selecionadas

- *En Plein Air, High Line Art*, Nova York, Estados Unidos (2019)
- *La Collection (1), Highlights for a Future*, Stedelijk Museum voor Actuele Kunst (SMAK), Gent, Bélgica (2019)
- *Suspension – A History of Abstract Hanging Sculpture 1918–2018*, Palais d’Iéna, Paris, França (2018)
- *Pedra no céu – Arte e Arquitetura de Paulo Mendes da Rocha*, Museu Brasileiro de Escultura e Ecologia (MUBE), São Paulo, Brasil (2017)
- Documenta 7, Kassel, Alemanha (1982)
- Documenta 6, Kassel, Alemanha (1977)
- Documenta 5, Kassel, Alemanha (1972)

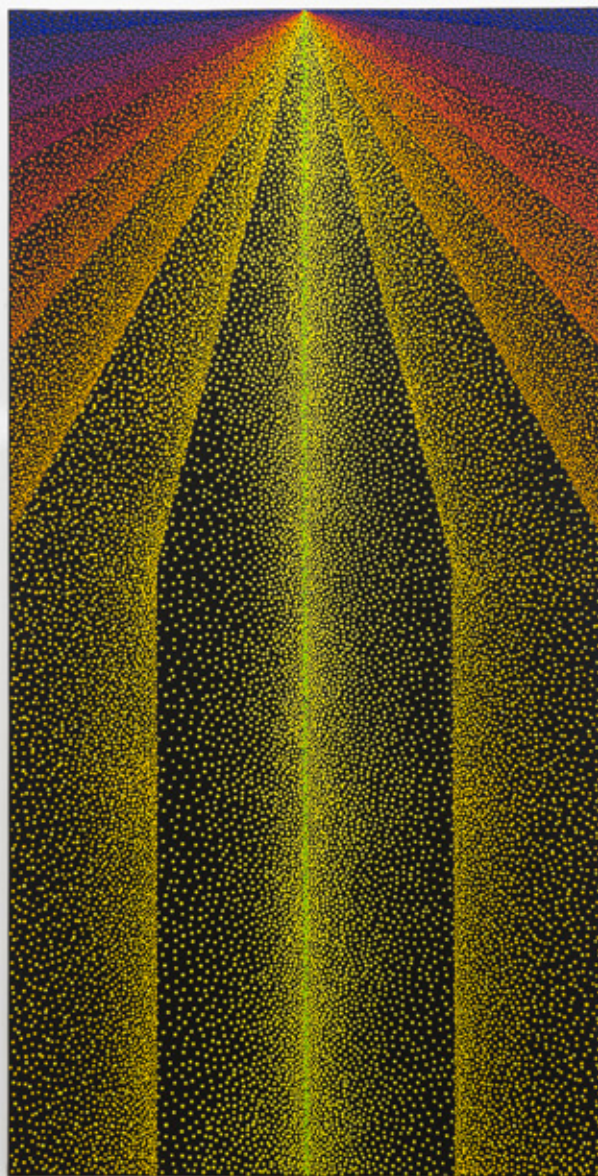
coleções selecionadas

- Art Institute of Chicago, Chicago, Estados Unidos
- Centre Georges Pompidou, Paris, França
- Donnaregina Contemporary Art Museum - Madre Museum, Nápoles, Itália
- Minneapolis Institute of Art, Minneapolis, Estados Unidos
- Museum Moderner Kunst Stiftung Ludwig Wien, Viena, Áustria
- Museum of Modern Art (MoMA), Nova York, Estados Unidos
- National Gallery of Modern Art, Roma, Itália
- National Museum of Modern Art, Tokyo, Japão
- Neues Museum Nuremberg, Nuremberg, Alemanha
- Tate Modern, Londres, Reino Unido

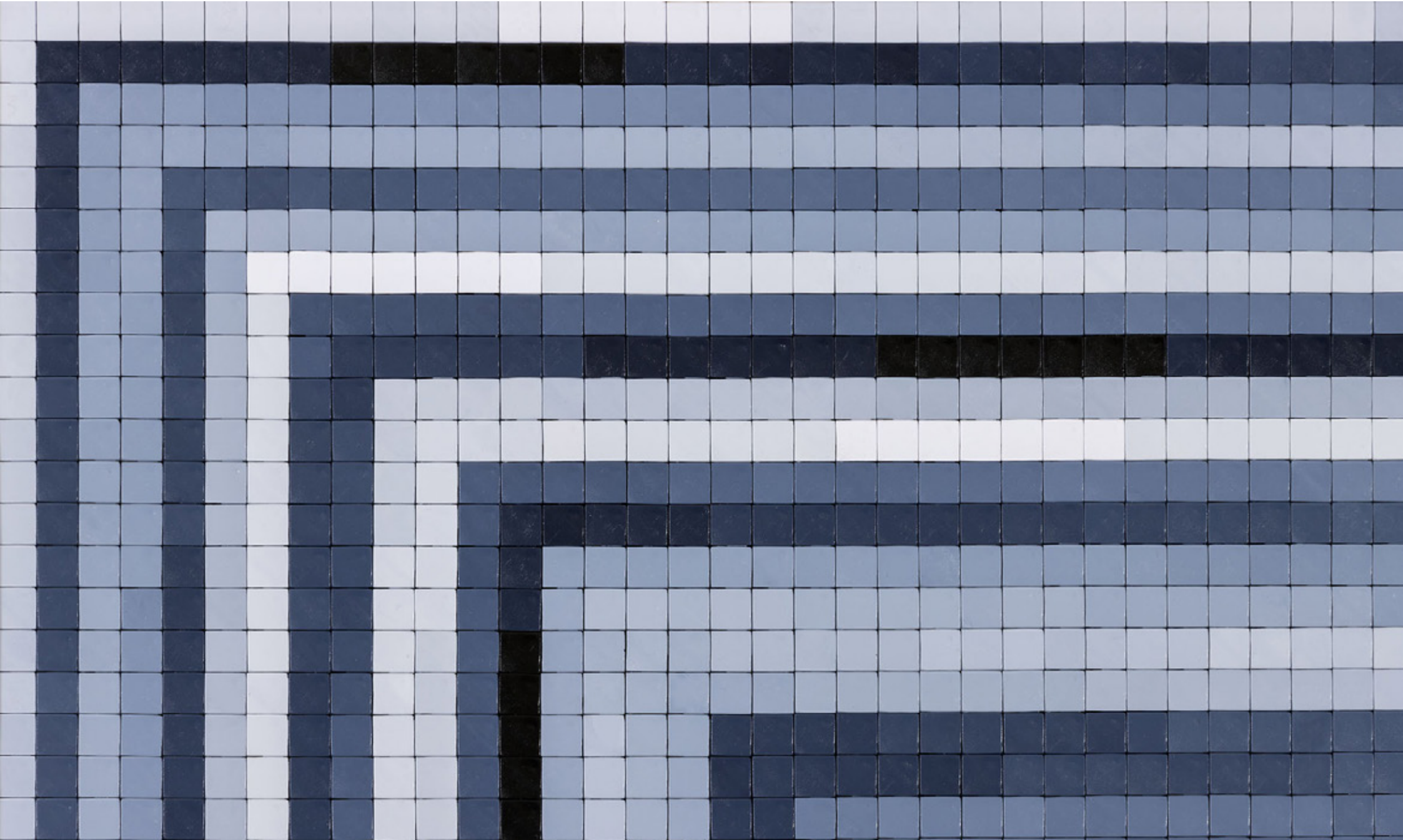
julio le parc

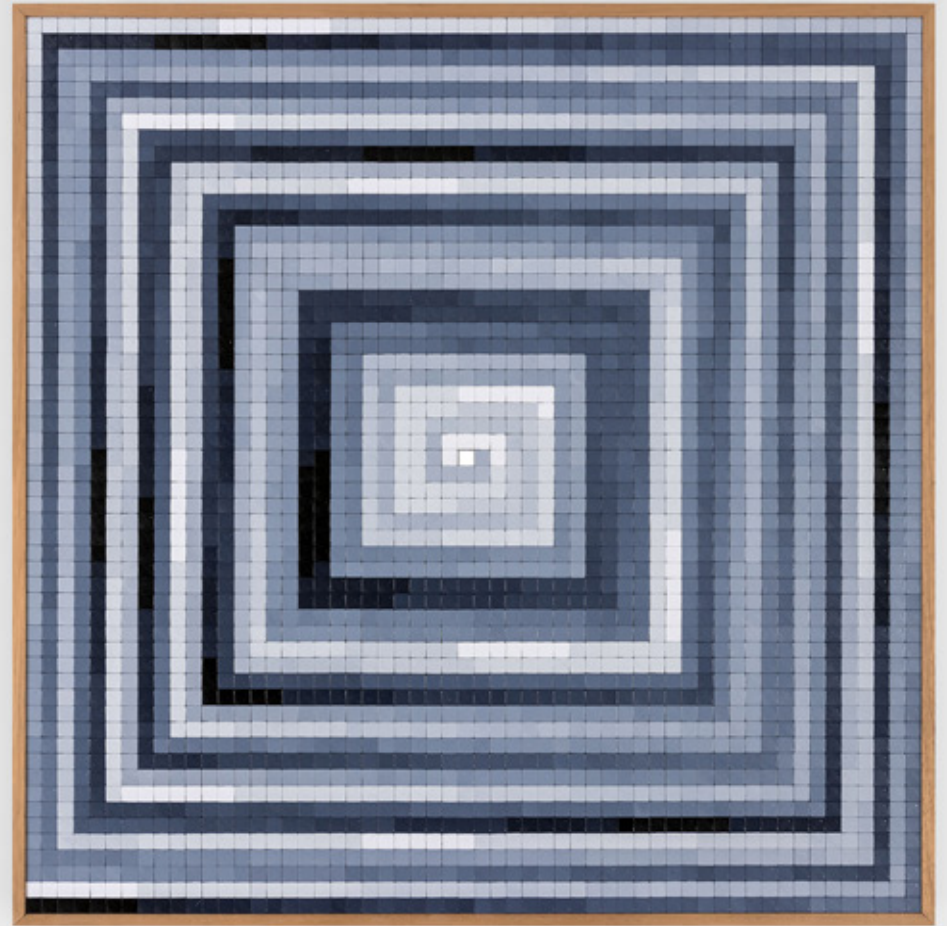


Julio Le Parc
Alchimie 493, 2022
tinta acrílica sobre tela
100 x 200 cm



josé patrício





José Patrício
Circuito tonal XIII, 1977
peças de quebra-cabeça
de plástico sobre madeira
81 x 81 cm

josé patrício

n. 1960, em recife, brasil, onde vive e trabalha

O trabalho de José Patrício se realiza na fronteira entre instalação e pintura, misturando esses gêneros. Sua prática parte do arranjo de objetos cotidianos, tais como dominós, dados e botões, a fim de criar padrões e imagens que podem ter caráter geométrico ou orgânico, ainda que não deixem de resguardar uma familiaridade enigmática com o cotidiano, tendo em vista a possibilidade de se reconhecer aqueles elementos nas composições. Patrício despontou no mundo da arte em 1999, quando criou uma instalação para o convento de São Francisco, em João Pessoa. Na ocasião, o artista utilizou dominós como elemento-chave para muitos dos seus trabalhos. Quando vistos de longe, os padrões observados ganham uma qualidade pictórica (dada sua configuração geral) que contrasta com a natureza gráfica individual de cada peça.

Sob a influência de importantes tendências e movimentos artísticos brasileiros, como a abstração geométrica e o concretismo, Patrício enfatiza o limite sutil entre a ordem e o caos e sugere que mesmo a mais rígida das fórmulas matemáticas possui uma potencial dimensão expressiva. Para o crítico e curador Paulo Sérgio Duarte, o procedimento de acumulação de Patrício nos leva a um “patamar diferente das questões colocadas pelo progresso da ciência e da técnica para a obra de arte. [...] Incorporado, como ponto de partida, o terreno da combinatória matemática, nos encontramos com a combinação das séries, reitero, infinitas nas suas possibilidades. O problema não é mais a reprodução do mesmo; trata-se, agora, de, a partir do mesmo, produzir infinitos outros.”

exposições individuais selecionadas

- *José Patrício: Algorithm in 'Object Recognition'*, Pearl Lam Galleries Hong Kong H'Queens, Hong Kong (2018)
- *Precisão e acaso*, Museu Mineiro, Belo Horizonte; Museu Nacional de Brasília (MUN), Brasília, Brasil (2018)
- *Ponto zero*, Sesc Santo Amaro, São Paulo, Brasil (2017)
- *Explosão fixa*, Instituto Ling, Porto Alegre, Brasil (2017)

exposições coletivas selecionadas

- *Ateliê de gravura: Da tradição à experimentação*, Fundação Iberê Camargo (FIC), Porto Alegre, Brasil (2019)
- *Géométries américaines, du Mexique à la Terre de Feu*, Fondation Cartier pour l'art contemporain, Paris, França (2018)
- *Asas e raízes*, Caixa Cultural, Rio de Janeiro, Brasil (2015)
- 8ª Bienal de Havana, Cuba (2003)
- 22ª Bienal de São Paulo, Brasil (1994)

coleções selecionadas

- *Fondation Cartier pour L'art contemporain, Paris, França*
- *Museu de Arte Moderna Aloísio Magalhães (MAMAM), Recife, Brasil*
- *Museu de Arte Moderna da Bahia (MAM-BA), Salvador, Brasil*
- *Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil*

julio le parc

n. 1928, mendoza, argentina

vive e trabalha em cachan, França

Julio Le Parc é reconhecido internacionalmente como um dos principais nomes da arte óptica e cinética. Ao longo de seis décadas, ele realizou experiências inovadoras com luz, movimento e cor, buscando promover novas relações entre arte e sociedade a partir de uma perspectiva utópica. Suas telas, esculturas e instalações abordam questões relativas aos limites da pintura a partir de procedimentos que se aproximam da tradição pictórica na história da arte, como o uso de acrílico sobre tela, ao mesmo tempo que investigam potencialidades cinéticas em assemblages, instalações e aparelhos maquínicos que exploram o movimento real e a atuação da luz no espaço.

Pioneiro do gênero óptico e cinético, Julio Le Parc foi cofundador do Groupe de Recherche d'Art Visuel (1960–1968), coletivo de artistas que se propunha a incentivar a interação do público com a obra, a fim de aprimorar suas capacidades de percepção e ação. De acordo com essas premissas, somadas à aspiração, bastante disseminada na época, de uma arte desmaterializada, indiferente às demandas do mercado, o grupo se apresentava em locais alternativos e até na rua. As obras e instalações de Julio Le Parc, feitas com nada além da interação entre luz e sombra, são resultado direto desse contexto, no qual a produção de uma arte fugaz e não vendável assumia claro tom sociopolítico.

exposições individuais selecionadas

- *Julio Le Parc: Un Visionario*, Centro Cultural Néstor Kirchner, Buenos Aires, Argentina (2019)
- *Julio Le Parc 1959*, Metropolitan Museum of Art (Met Breuer), Nova York, Estados Unidos (2018)
- *Julio Le Parc: Da forma à ação*, Instituto Tomie Ohtake (ITO), São Paulo, Brasil (2017)
- *Julio Le Parc: Form into Action*, Perez Art Museum, Miami, Estados Unidos (2016)

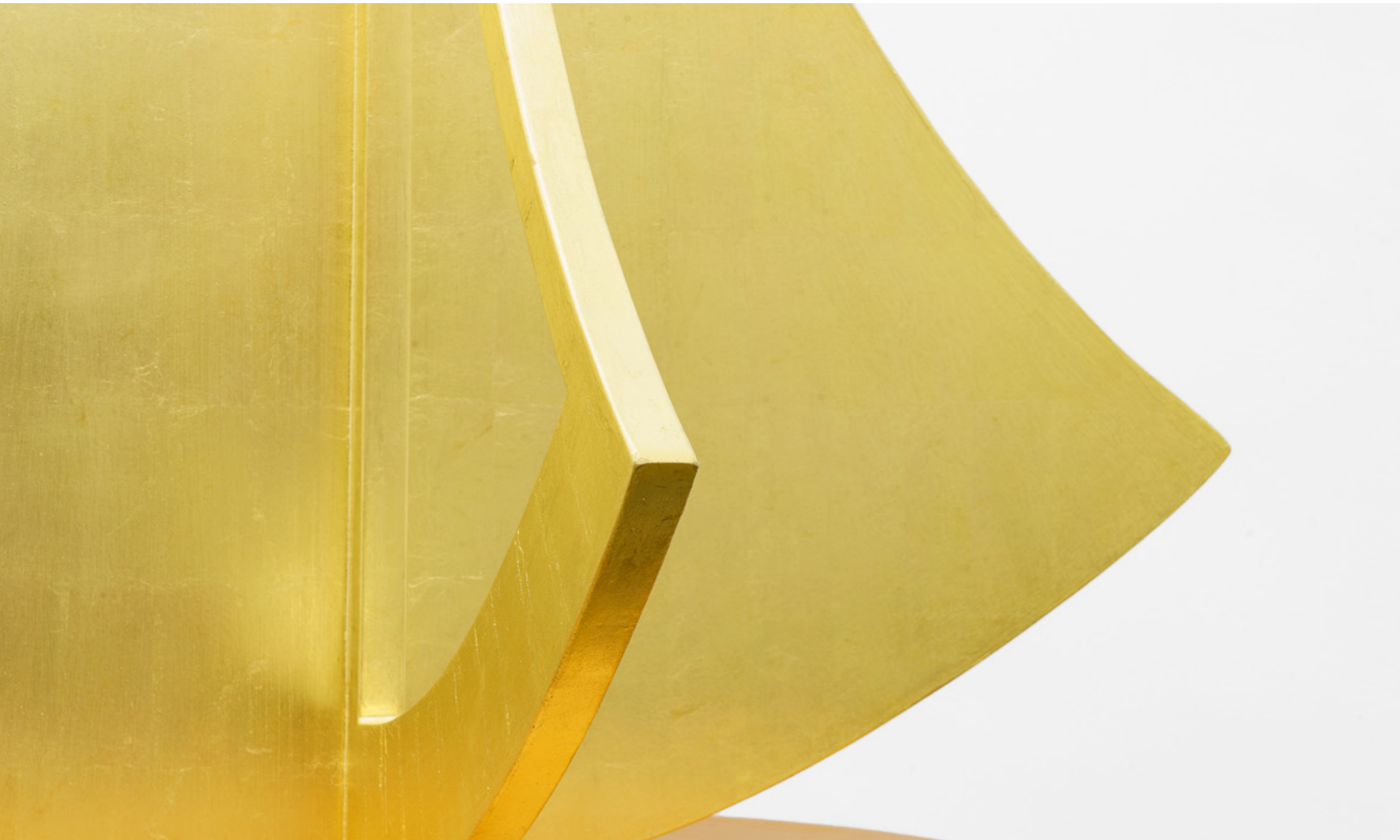
exposições coletivas selecionadas

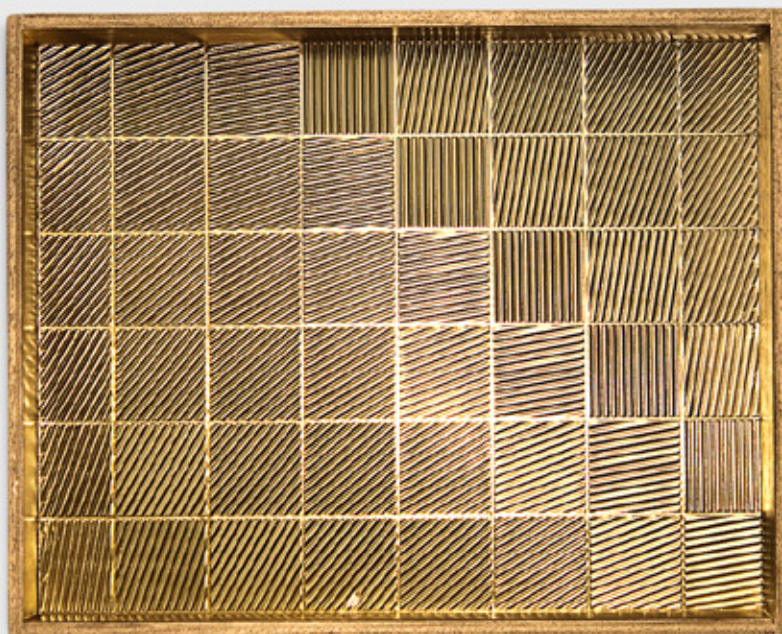
- *Action <-> Reaction: 100 Years of Kinetic Art*, Kunsthal Rotterdam, Rotterdam, Países Baixos (2018)
- *The Other Trans-Atlantic: Kinetic & Op Art in Central & Eastern Europe and Latin America 1950s–1970s*, Garage Museum of Contemporary Art, Moscou, Rússia (2018); Sesc Pinheiros, São Paulo, Brasil (2018); Museum of Modern Art, Varsóvia, Polônia (2017)
- *Kinesthesia: Latin American Kinetic Art, 1954–1969*, II Pacific Standard Time: LA/LA (II PST: LA/LA), Palm Springs Art Museum (PSAM), Palm Springs, Estados Unidos (2017)
- *Retrospect: Kinetika 1967*, Belvedere Museum, Viena, Áustria (2016)
- *The Illusive Eye*, El Museo del Barrio, Nova York, Estados Unidos (2016)

coleções selecionadas

- Cisneros Fontanals Art Foundation, Miami, Estados Unidos
- Daros Collection, Zurique, Suíça
- Los Angeles County Museum of Art, Los Angeles, Estados Unidos
- Musée d'Art Moderne de la Ville de Paris, Paris, França
- Museum of Modern Art (MoMA), Nova York, Estados Unidos

heinz mack





Heinz Mack
Sem título, 1977
alumínio anodizado,
madeira e acrílico
37,5 x 47,5 cm

Heinz Mack
Sem título, 1977
folha de alumínio sobre
papel, madeira e acrílico
33 x 40 x 8 cm

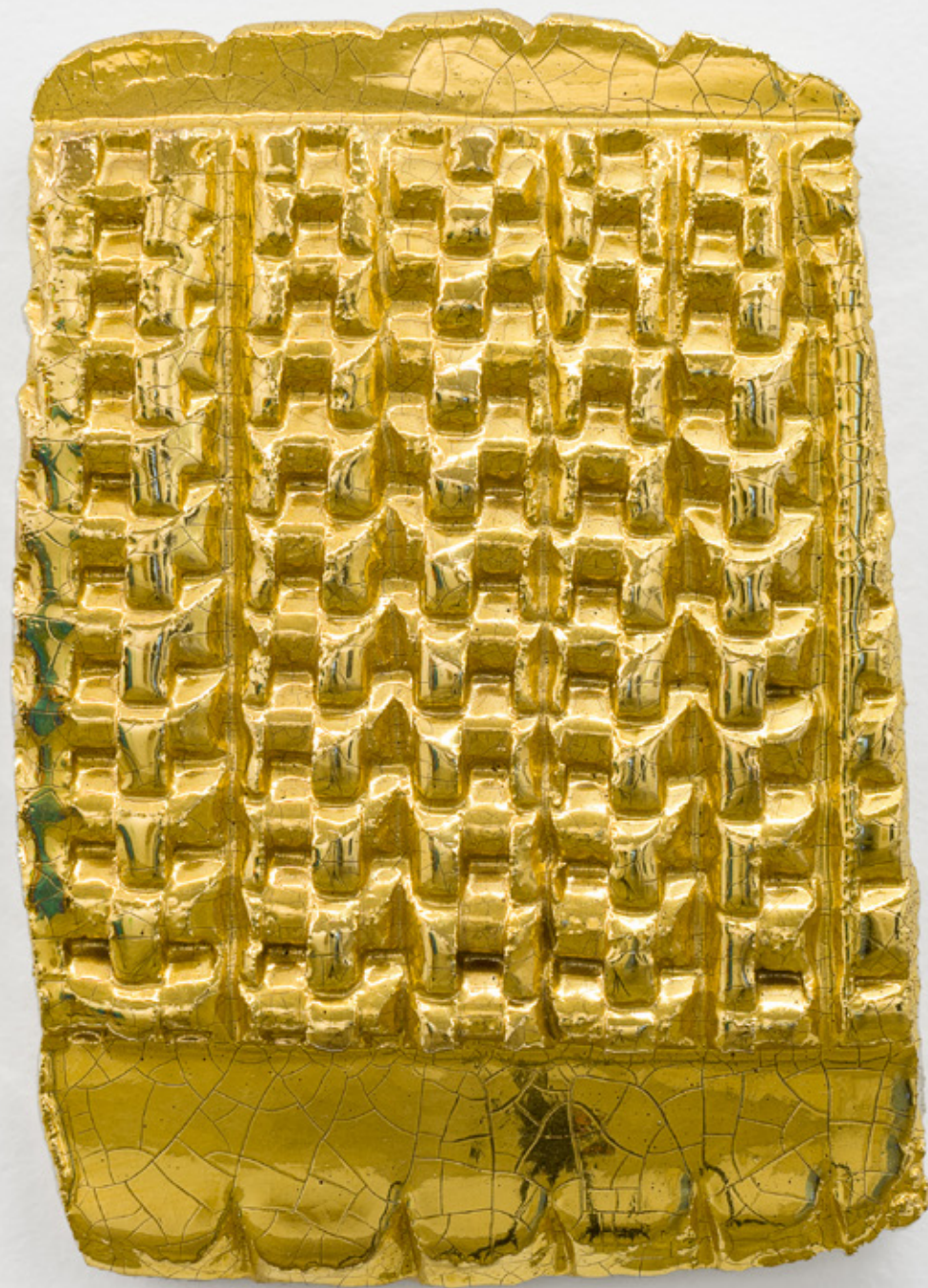




Heinz Mack
Sem título, 1977
folha de alumínio anodizado
dourado, madeira e acrílico
35 x 44 x 6 cm

Heinz Mack
Meridiana in Gold, 1995
madeira folheada a ouro
e metal patinado
2 partes de 56,5 x 84,5 x 2 cm
Disco: Ø 60 cm
Pedestal: 101,5 cm





Heinz Mack
Sem título, 2009
cerâmica vitrificada e
ouro polido
25,5 x 17,5 x 3 cm

heinz mack

n. 1931, lollar, alemanha

vive e trabalha entre mönchengladbach, alemanha e ibiza, espanha

Ao longo da sua carreira, Heinz Mack tem desenvolvido uma prática ancorada nas investigações sobre a luz, a temporalidade e o movimento.

Sua abordagem original pode ser vista em instalações, esculturas e trabalhos em papel. Mack iniciou sua carreira na década de 1950, quando fundou, ao lado de Otto Piene, o Grupo ZERO (1957–1966), ao qual mais tarde viria a se juntar Gunther Uecker, em 1961. O objetivo do coletivo estava em criar um espaço desprovido de estruturas prévias, um lugar silencioso no qual poderiam se originar novas possibilidades. Mack também manteve contato próximo com Yves Klein, com quem desenvolveu uma grande amizade que os levariam a colaborar em inúmeras ocasiões, e que seria responsável por lhe apresentar a Jean Tinguely, revelando um universo de experimentações que informaram sua própria busca pela pureza estética, pelo essencial. O próprio artista sintetiza: “O objetivo é alcançar a clareza pura, grandiosa e objetiva, livre da expressão romântica e arbitrariamente individual. Em meu trabalho eu exploro e busco fenômenos estruturais, cuja lógica estrita eu interrompo ou amplio por meio de intervenções aleatórias, ou seja, de eventos fortuitos.”

O trabalho de Heinz Mack caracteriza-se por estabelecer relações inovadoras com a luz. Tomando-a como matéria, ele identifica e explicita os modos como ela afeta e é afetada pelo movimento, pelo espaço e pela cor. Tendo esses preceitos como núcleo de sua prática, o artista tem desenvolvido de forma rigorosa e arguta um conjunto de obra multifacetado que continuamente aponta para novos horizontes na arte.

exposições individuais selecionadas

- Taten Des Lichts: Mack & Goethe, Goethe-Museum, Düsseldorf, Alemanha (2018)
- Heinz Mack – From Time to Time. Painting and Sculpture, 1994–2016, Palais SchönbornBatthyány, Viena, Áustria (2016)
- Mack – Just Light and Color, Sakip Sabanci Museum, Istanbul, Turquia (2016)
- Heinz Mack – The light of my colors, Museum Ulm, Ulm, Alemanha (2015)
- Mack – The Language of My Hand, Museum Kunstpalast, Düsseldorf, Alemanha (2011)
- Heinz Mack – Licht der ZERO-Zeit, Ludwig Museum im Deutschherrenhaus, Koblenz, Alemanha (2009)

exposições coletivas selecionadas

- *The Sky as Studio – Yves Klein and his contemporaries*, Pompidou Metz, Metz, França (2021)
- *Visual Play*, Wilhelm Hack Museum, Ludwigshafen, Alemanha (2018)
- *New Beginnings: Between Gesture and Geometry*, Georgem Economou Collection, Atenas, Grécia (2016)
- *Facing the Future. Art in Europe, 1945–1968*, Palais des Beaux Arts, Bruxelas, Bélgica (2016)
- *ZERO: Let Us Explore the Stars*, Stedelijk Museum, Amsterdam, Holanda (2015)
- *ZERO: Countdown to Tomorrow, 1950’s–60’s*, Solomon R. Guggenheim Museum, Nova York, Estados Unidos (2015)
- 35th Venice Biennale, Itália (1970)

coleções selecionadas

- Albright-Knox Art Gallery, Buffalo, Estados Unidos
- Centre Georges Pompidou, Paris, França
- Hirshhorn Museum and Sculpture Garden, Washington DC, Estados Unidos
- Museum of Modern Art (MoMA), Nova York, Estados Unidos
- Solomon R. Guggenheim Museum, Nova York, Estados Unidos
- Tate, Londres, Reino Unido

jr





JR
Trompe L'oeil, Greetings from Giza,
30 Octobre 2021, 8h51, Giza, Egypte, 2021
impressão colorida, montada em
dibond e plexiglass fosco
unique
123 x 183 x 6,5 cm

jr (jean réné)

n. 1983, Paris, França

vive e trabalha entre paris, França e nova york, estados unidos

Após encontrar uma câmera fotográfica no metrô de Paris, em 2001, JR decidiu viajar pela Europa para conhecer aqueles indivíduos que se expressavam em muros e fachadas de prédios, fazendo seus retratos e os expondo nas ruas. Graças às suas grandes intervenções em espaços públicos, ele torna visível fenômenos e pessoas que costumamos ignorar. Os retratos que cria são radicalmente simples e trazem expressões questionadoras, penetrantes, observadoras e solenes, que chamam nossa atenção e permanecem na nossa consciência por muito tempo após terem sido vistas. JR concebeu e realizou filmes, instalações, intervenções e trabalhos em diferentes linguagens, colaborando, muitas vezes, com o New York City Ballet, OSGemeos, Agnès Varda, Robert De Niro, e muitos outros artistas.

Ao desenvolver seus projetos, JR se esforça para envolver as populações locais na realização de suas proposições. O artista chama a atenção do público, para além dos visitantes típicos de museus, ao espalhar seus trabalhos nos edifícios das periferias de Paris, nas paredes do Oriente Médio, nas pontes quebradas da África ou nas favelas do Brasil. Em cada um de seus projetos, ele atua como testemunha de uma comunidade em que os habitantes não apenas veem os trabalhos, eles também os fazem. Mulheres idosas tornam-se modelos por um dia e crianças transformam-se em artistas por uma semana. A prática de JR não separa atores de espectadores e promove o encontro entre o sujeito/protagonista e o transeunte/intérprete, levantando questões, criando vínculos sociais, reunindo comunidades e conscientizando pessoas.

exposições individuais selecionadas

- *JR: Chronicles*, Saatchi Gallery, Londres, Reino Unido (2021)
- *JR: Chronicles*, Brooklyn Museum, Nova York, Estados Unidos (2019)
- *Momentum. La Mécanique de l'Épreuve*, Maison Européenne de la Photographie, Paris, França (2018)
- *Chroniques de Clichy-Montfermeil*, Palais de Tokyo, Paris, França (2017)
- *Kikito*, fronteira México-Estados Unidos (2017)
- *JR at the Louvre*, Musée du Louvre, Paris, França (2016)

exposições coletivas selecionadas

- *JR, Adrian Piper, Ray Johnson*, Museum Frieder Burda, Berlim, Alemanha (2019)
- *Refuge*, 21c Museum, Bentonville, Estados Unidos (2019)
- *Post No Bills: Public Walls as Studio and Source*, Neuberger Museum of Art, Purchase, Estados Unidos (2016)
- *Tu dois changer ta vie*, Tripostal, Lille, França (2015)

coleções selecionadas

- Brooklyn Museum, Brooklyn, Estados Unidos
- Château La Coste, Aix-en-Provence, França
- Hong Kong Contemporary Art Foundation, Hong Kong
- Museum of Modern Art (MoMA), Nova York, Estados Unidos
- Palais de Tokyo, Paris, França
- San Francisco Museum of Modern Art, San Francisco, Estados Unidos

karin lambrecht





Karin Lambrecht
Cliff, 2021
pigmentos em emulsão acrílica,
carvão vegetal e cobre sobre tela
171,6 x 211 x 4 cm





Karin Lambrecht
June, 2021
pigmentos em amulsão acrílica
e carvão vegetal sobre tela
171,6 x 186 x 4 cm

karin lambrecht

n. 1957, porto alegre, brasil

vive e trabalha em broadstairs, reino unido

Toda a produção de Karin Lambrecht em pintura, desenho, gravura e escultura demonstra uma multifacetada preocupação com as relações entre arte e vida, compreendida em sentido abrangente: trata-se de vida natural, vida cultural e vida interior. Para o pesquisador Miguel Chaia, os processos técnico e intelectual de Lambrecht se inter-relacionam e se mantêm evidentes nas obras para criar uma “visualidade espalhada na superfície e direcionada para a exterioridade”. Seu trabalho é ação que funde corpo e pensamento, vida e finitude.

No início da carreira, Lambrecht repensou a tela e a forma de pintar, em alguns trabalhos ela elimina o chassi, costura tecidos, e usa retalhos chamuscados. A abstração gestual, característica da “Geração 80”, da qual fez parte, possui papel central em seus trabalhos. Sua prática expande a noção tradicional de pintura e estabelece diálogos entre Arte Povera e Joseph Beuys, entre aspectos políticos, mas também materiais. Os volumes pesam como corpos, as delimitações ou negações do espaço dialogam com a escala que seus trabalhos assumem. A partir da década de 1990, a artista inclui materiais orgânicos em suas telas, como terra e sangue, o que determinou, em alguma medida, o repertório cromático que aparece então. Além do sangue animal, são elementos recorrentes em seu trabalho as formas cruciformes e as referências ao corpo, índices de diferentes níveis de identificação do espectador com a obra.

exposições individuais selecionadas

- *Karin Lambrecht – Entre nós uma passagem*, Instituto Tomie Ohtake (ITO), São Paulo, Brasil (2018)
- *Karin Lambrecht – Assim assim*, Oi Futuro, Rio de Janeiro, Brasil (2017)
- *Nem eu, nem tu: Nós*, Espaço Cultural Santander, Porto Alegre, Brasil (2017)

exposições coletivas selecionadas

- *O espírito de cada época*, Instituto Figueiredo Ferraz (IFF), Ribeirão Preto, Brasil (2015)
- 25ª Bienal de São Paulo, Brasil (2002)
- *Violência e paixão*, Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil; Santander Cultural, Porto Alegre, Brasil (2002)
- 4ª Bienal de Havana, Cuba (1992)
- 19ª Bienal de São Paulo, Brasil (1987)

coleções selecionadas

- Colección Patricia Phelps de Cisneros, Nova York, Estados Unidos
- Ludwig Forum für Internationale Kunst, Aachen, Alemanha
- Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil
- Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil

laura vinci





Laura Vinci
Twins galho, da série *Maquinamata*, 2022
4 roldanas de latão, correias de borracha,
motores e latão banhado a ouro
edição de 5 + 2 PA
dimensões variáveis

laura vinci

n. 1962, são paulo, brasil, onde vive e trabalha

Laura Vinci é conhecida por sua produção em esculturas, instalações de grande porte e intervenções. Sua pesquisa está baseada nas relações entre corpo e espaço, tendo como tônica a efemeridade. Em sua prática, o espaço desponta como um organismo complexo, mediador das relações entre os diversos corpos que o compõe e habitam, sem deixar de ser suscetível à constante passagem do tempo. Suas propostas buscam, justamente, investigar os processos de movimento ou alteração da matéria, evidenciando a transitoriedade dos elementos que ocupam determinado local, assim como estimular o público a ter novas percepções sobre o ambiente ao seu redor.

Vinci iniciou sua carreira em meados da década de 1980 dedicando-se, primeiro, à pintura. Nesse momento, suas telas não se voltavam à figuração, mas tentavam realizar o quase tridimensional. Em seguida, passou a se concentrar na escultura. O interesse pelas mudanças de estado da matéria aparece em sua poética tanto pela noção de erosão – como na intervenção conhecida como “ampulheta”, desenvolvida para o projeto Arte/Cidade 3 (1997), em São Paulo – quanto através da ideia de condensação, que se realiza no seu trabalho com serpentinas de refrigeração que formam palavras congeladas. Essas características também se fazem presente em seu trabalho como diretora de arte no teatro. Vinci já colaborou com projetos de cenografia e figurino no Teatro Oficina. Atualmente, trabalha com a mundana companhia.

exposições individuais selecionadas

- *mundana +: Medeamaterial, mundana cia*, Sesc Pinheiros, São Paulo, Brasil (2019)
- *Todas as graças*, Instituto Ling, Porto Alegre, Brasil (2018)
- *Papéis avulsos*, Art Center/South Florida, Miami, Estados Unidos (2014)
- *Carpe Diem Arte e Pesquisa*, Lisboa, Portugal (2010)
- *Warm White*, Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil (2007)

exposições coletivas selecionadas

- *O rio dos navegantes*, Museu de Arte do Rio (MAR), Rio de Janeiro, Brasil (2019)
- *Past/Future/Present: Contemporary Brazilian Art from the Museum of Modern Art*, São Paulo, Phoenix Art Museum, Phoenix, Estados Unidos (2017)
- *Exposición 13*, La Conservera, Murcia, Espanha (2014)
- *Beuys e bem além, ensinar como arte*, Instituto Tomie Ohtake (ITO), São Paulo, Brasil (2011)
- 26ª Bienal de São Paulo, Brasil (2004)

coleções selecionadas

- Instituto de Arte Contemporânea de Inhotim, Brumadinho, Brasil
- Museu de Arte do Rio (MAR), Rio de Janeiro, Brasil
- Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP), São Paulo, Brasil
- Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil

cássio vasconcellos





Cássio Vasconcellos
Faunos # 03, da série
Driades e Faunos, 2019
impressão jato de tinta
sobre papel de algodão
edição de 5 + 2 PA
100 x 150 cm



cássio vasconcellos

n. 1965, são paulo, brasil, onde vive e trabalha

Cássio Vasconcellos iniciou sua carreira de fotógrafo no começo dos anos 1980. Apesar de ter vasta experiência como fotojornalista, sua produção artística se destaca pela criação de espaços imaginários e de ficções a partir de elementos da realidade. Seu trabalho ultrapassa os métodos tradicionais da fotografia documental, criando uma linguagem experimental voltada à crítica da sociedade contemporânea. A predileção pela fotografia aérea auxilia na criação de imagens impactantes, que jogam, a partir da escala, com a nossa percepção do mundo. Vasconcellos publicou diversos livros reunindo essa produção, como *Brasil visto do céu* (Editora Brasileira, 2017), *Panorâmicas* (DBA, 2012) e *Noturnos São Paulo* (2002), entre outros.

Nas suas fotos, podemos nos encontrar diante do excesso de produtos disseminados no nosso cotidiano, assim como da regularidade das formas arquitetônicas que parece se expandir infinitamente, figurações que aparecem como emblemas de nossa cultura. Ou nos deparamos com a exuberância incomensurável da natureza, traduzida em paisagens, tal como na série *Viagem pitoresca pelo Brasil* (2015), em que o artista se baseia e se inscreve na longa tradição de artistas que buscaram capturar o interior de nossas florestas. Percebe-se, então, que subjaz algo de sublime ao trabalho de Vasconcellos, tendo em vista que suas fotografias nos colocam em contato com aquilo que é demasiadamente vasto.

exposições individuais selecionadas

- *Dríades e faunos*, Nara Roesler, Rio de Janeiro, Brasil (2020)
- *Collectives*, St Georges's Gate (Castle of Ioannina), Photometria Festival, Ioannina, Grécia (2019)
- *Viagem pitoresca pelo Brasil*, Pequena Galeria 18, São Paulo, Brasil (2015)
- *Aéreas do Brasil*, Paço das Artes, São Paulo, Brasil (2014)
- *Coletivos*, Today Art Museum (TAM), Pequim; Art + Shanghai Gallery, Xangai, China (2013)

exposições coletivas selecionadas

- *Trees*, Fondation Cartier pour l'art contemporain, Paris, França (2019)
- *Civilization: The Way We Live Now*, National Museum of Modern and Contemporary Art (MMCA), Seul, Coréia do Sul (2018)
- *Past/Future/Present: Contemporary Brazilian Art from the Museum of Modern Art of São Paulo*, Phoenix Art Museum, Phoenix, Estados Unidos (2017)
- *Aquí nos vemos – Fotografía en América Latina 2000–2015*, Centro Cultural Kirchner, Buenos Aires, Argentina (2015)

coleções selecionadas

- Bibliothèque Nationale, Paris, França
- Museo Nacional de Bellas Artes, Buenos Aires, Argentina
- Museu de Arte de São Paulo (MASP), São Paulo, Brasil
- Museum of Fine Arts Houston (MFAH), Houston, Estados Unidos

lucia koch





Lucia Koch
Cheese_2, 2020
impressão de pigmento em papel
de algodão, laminado UV fosco
edição de 6 + 1 PA
110 x 191 x 2,5 cm

lucia koch

n. 1966, porto alegre, brasil

vive e trabalha em são paulo, brasil

O trabalho de Lucia Koch investiga questões relativas ao espaço e propõe novas formas de experienciá-lo. A artista estabelece um intenso diálogo com a arquitetura – tanto pelo modo como suas obras interferem nos lugares onde são instaladas quanto pela criação de espaços imaginários, o que desafia e reorienta a percepção do espectador.

Nas palavras do crítico e curador Moacir dos Anjos, a artista “reorganiza a compreensão visual de espaços [...] e estabelece um sentido público para o trabalho, seja pela negociação envolvida em seu processo, seja pelo desconcertante efeito que causa”. A partir de filtros, tecidos e outros anteparos, ela opera com a luz e seus efeitos cromáticos, sempre tensionando as relações entre o dentro e o fora, a transparência e a opacidade na criação de atmosferas únicas e sensíveis.

Desde 2001, Koch fotografa interiores de caixas e embalagens vazias, que sugerem extensões virtuais dos locais onde as obras são instaladas. Esse conjunto de imagens opera fundamentalmente a partir de jogos de escala, em que o pequeno se torna imenso e habitável, indagando, assim, sobre as condições capazes de transformar o espaço em lugar e se aproximando, cada vez mais, de uma pesquisa pouco ortodoxa no campo da arquitetura.

exposições individuais selecionadas

- *Propaganda*, Instituto Inhotim de Arte Contemporânea, Brumadinho, Brasil (2021)
- *Casa de vento*, Casa de Vidro, São Paulo, Brasil (2019)
- *Uma boa ordem*, Casa Wabi, Puerto Escondido, México (2019)
- *A longa noite*, Sesc Pompéia, São Paulo, Brasil (2018)
- *La temperatura del aire*, Fundación Caja de Burgos, Burgos, Espanha (2015)

exposições coletivas selecionadas

- 1ª Bienal de Rabat, Marrocos (2019)
- Open Spaces Kansas City Arts Experience, Kansas, Estados Unidos (2018)
- 2th Pacific Standard Time: LA/LA (PST: LA/LA) – *Learning from Latin America: Art, Architecture and Visions of Modernism*, Los Angeles Municipal Art Gallery (LAMAG), Los Angeles, Estados Unidos (2017)
- *Cruzamentos: Contemporary Art in Brazil*, Wexner Center for the Arts, Columbus, Estados Unidos (2014)
- Sharjah Biennial, Sharjah, Emirados Árabes (2013)
- 11ª Bienal de Lyon, França (2011)
- 8ª Bienal do Mercosul, Porto Alegre, Brasil (2011)
- Aichi Triennale, Nagoya, Japão (2010)
- 27ª Bienal de São Paulo, Brasil (2006)
- 8ª Bienal de Istambul, Turquia (2003)

coleções selecionadas

- J. Paul Getty Museum, Malibu, Estados Unidos
- Musée d'Art Contemporain de Lyon, Lyon, França
- Museu de Arte do Rio (MAR), Rio de Janeiro, Brasil
- Museum of Contemporary Art San Diego, San Diego, Estados Unidos
- Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil

manoela medeiros





Manoela Medeiros
Continente, 2022
fragmentos de parede, gesso
e estrutura de alumínio
42 x 30 cm





Manoela Medeiros
Continente, 2022
fragmentos de parede, gesso e
estrutura de alumínio
42 x 30 cm



Manoela Medeiros
Continente, 2022
fragmentos de parede, gesso
e estrutura de alumínio
42 x 30 cm

manoela medeiros

n. 1991, rio de janeiro, brasil

vive e trabalha entre rio de janeiro, brasil e paris, França

Em seu trabalho Manoela Medeiros interroga os meios artísticos além de seus formatos convencionais, onde pinturas e instalações *in situ* servem para explorar as relações entre espaço, tempo e a corporeidade da arte e do espectador. Em uma perspectiva híbrida do pictórico, Medeiros articula uma abordagem da pintura que ultrapassa a especificidade de seu próprio meio, utilizando recursos da escultura, da performance e da instalação.

Intervindo muitas vezes de maneira direta nos espaços expositivos, sua obra sobrepõe as temporalidades da própria prática artística e do ambiente construído no qual se insere. Medeiros concebe a obra a partir de detalhes do lugar, sejam eles materiais, elementos estruturais ou até mesmo sua relação com a iluminação, natural e artificial. Sua prática introduz no espaço uma organicidade ao expor suas entranhas, ou estruturas, fazendo da arquitetura não apenas uma estrutura, mas um corpo.

A prática de Medeiros comporta procedimentos arqueológicos, tornando visível aquilo que muitas vezes subjaz, assim como se nutre da ideia de ruína, um índice espacial da passagem do tempo. Medeiros escava as superfícies, como as paredes do espaço expositivo, para trazer à tona suas sucessivas camadas, as diferentes cores e materiais que ali foram aplicados e que permaneciam esquecidas. Desse modo, a artista visa refundar nossa experiência temporal ao expor, simultaneamente, suas sucessivas camadas, cada qual portadora da memória do momento em que foi aplicada, deixando-as coexistir e interpenetrar-se. Medeiros opera entre a construção e a destruição, mostrando sua complementaridade, mais do que seu antagonismo

exposições individuais selecionadas

- *Concerto a céu aberto*, Kubik Gallery, Porto, Portugal (2020)
- *L'être dissout dans le monde*, Galerie Chloé Salgado, Paris, França (2019)
- *Poeira varrida*, Galeria Fortes D'Aloia & Gabriel, São Paulo, Brasil (2017)
- *Falling Walls*, Double V Gallery, Marselha, França (2017)

exposições coletivas selecionadas

- *Recycler / Surcycler*, Fondation Villa Datris, L'Isle-sur-la-Sorgue, França (2020)
- *Reservoir*, 019, Ghent, Bélgica (2020)
- *Vivemos na melhor cidade da América do Sul*, Fundação Iberê Camargo (FIC), Porto Alegre, Brasil (2018)
- *Hall-statt*, Galeria Fortes D'Aloia e Gabriel, São Paulo, Brasil (2016)
- *In Between*, Galeria Bergamin & Gomide, São Paulo, Brasil (2016)
- *11º Abre Alas*, A Gentil Carioca, Rio de Janeiro, Brasil (2015)

marcelo silveira





Marcelo Silveira
Dupla X, 2022
madeira cajacatinga e couro
unique
153 x 110 x 135 cm

marcelo silveira

n. 1962, gravatá, brasil

vive e trabalha em recife, brasil

A prática de Marcelo Silveira parece questionar categorias pré-estabelecidas, ao desafiar e tensionar definições aparentemente consolidadas de escultura, instalação, arte popular, artesanato e colecionismo. Sua produção move-se a partir do interesse pela materialidade. Tudo pode ser objeto de trabalho: madeira, couro, papel, metal, plástico e vidro são apenas alguns dos elementos explorados. Contudo, também é fundamental a configuração por eles assumida, que pode ser criada a partir do repertório formal comum àqueles objetos – garrafas e copos de vidro, por exemplo – ou pela recriação de formas familiares e comuns em matérias inesperadas – como Silveira faz com a madeira, por exemplo.

O colecionismo, de fato, constitui estratégia privilegiada do artista, ao lado do constante jogo entre apropriação e produção. Essas operações aparecem em seu trabalho de diversos modos, seja pelo acúmulo de artefatos encontrados no mundo – como cartões postais, réguas de desenho, vidros de perfume etc. –, em objetos que remetem a utensílios domésticos, mas desprovidos de qualquer utilidade, ou até pela apresentação dos trabalhos sob a forma de conjuntos, em que cada fragmento se integra àquela totalidade, resignificando-a. Nesse sentido, a organização é fundamental na prática de Silveira, não só como estratégia expositiva, mas também para conferir novo sentido a esses objetos, que possuem a potência de despertar memórias afetivas.

exposições individuais selecionadas

- *Hotel solidão*, Nara Roesler, Nova York, Brasil (2022)
- *Compacto com pacto*, Sesc Triunfo, Triunfo, Brasil (2019)
- *Com texto*, obras por Marcelo Silveira, Museu de Arte Contemporânea de Sorocaba (MACS), Sorocaba, Brazil (2018)
- *Censor*, Museu da Imagem e do Som (MIS), São Paulo, Brasil (2016)
- *1 Dedo de Prosa*, Museu de Arte Moderna Aloísio Magalhães (MAMAM), Recife, Brasil (2016)

exposições coletivas selecionadas

- 35ª Panorama da Arte Brasileira, Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP), São Paulo, Brasil (2017)
- *Modos de ver o Brasil: Itaú Cultural 30 anos*, Oca, São Paulo, Brasil (2017)
- 10ª Bienal do Mercosul, Porto Alegre, Brasil (2015)
- *Travessias*, Galpão Bela Maré, Rio de Janeiro, Brasil (2013)
- 29ª Bienal de São Paulo, São Paulo, Brasil (2010)
- 4ª Bienal de Valência, Espanha (2007)

coleções selecionadas

- Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo (MAC USP), São Paulo, Brasil
- Museu de Arte Moderna Aloísio Magalhães (MAMAM), Recife, Brasil
- Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil
- Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil

jonathas de andrade



Jonathas de Andrade
Achados e perdidos, 2020
6 esculturas de barro
queimado e sungas
69 x 110 x 90 cm



jonathas de andrade

n. 1982, Maceió, Brasil

vive e trabalha em Recife, Brasil

A fotografia, o vídeo e a instalação possuem papel central na produção do artista alagoano Jonathas de Andrade (b. 1982). Sua pesquisa muitas vezes envolve o diálogo com comunidades que participam da construção dos trabalhos, ampliando o alcance de vozes constantemente marginalizadas. Partindo do compromisso de costurar ficção e o documental, e em um constante exercício de reescrita da história, Jonathas busca nessa reinvenção a construção de alegorias e narrativas poéticas, que por sua vez funcionam como ferramentas potentes de questionamento das construções de gênero, classe e raça enraizadas na estrutura sociocultural brasileira.

“Penso que a existência artística, que não é privilégio dos artistas de profissão nem garantia a todos eles o tempo todo, tem a ver com um estado de atenção e emergência (...), além de uma disposição estética para a vida. Neste sentido, aquilo que trata a arte como campo isolado acaba interessando pouco. (...). Sinto força na arte pela capacidade de gerar energia em absoluta contradição e desordem dentro de um sistema; pela habilidade de tomar os xeques mates como impulso para o movimento e a transformação e não como emboscadas sem volta”.

exposições individuais selecionadas

- *Staging Resistance*, Fotografiemuseum Amsterdam (Foam), Amsterdã, Holanda (2022)
- *Jonathas de Andrade: One to One*, Museum of Contemporary Art Chicago (MCA), Chicago, EUA (2019)
- *Visões do Nordeste*, Museo Jumex (2017), Cidade do México, México
- *O peixe*, New Museum, Nova York, EUA (2017)
- *Convocatória para um mobiliário nacional*, Museu de Arte de São Paulo (MASP), São Paulo, Brasil (2016)
- *Museu do Homem do Nordeste*, Museu de Arte do Rio (MAR), Rio de Janeiro, Brasil (2014)

exposições coletivas selecionadas

- 13ª e 10ª Bienal de Sharjah, Emirados Árabes (2017 e 2011)
- 32ª e 29ª Bienal de São Paulo, Brasil (2016 e 2010)
- *The Ungovernables*, New Museum Triennial, Nova York, EUA (2012)
- 12ª Bienal de Lyon, França (2013)
- 32ª Panorama da Arte Brasileira, São Paulo, Brasil (2011)
- *Casa carioca*, Museu de Arte do Rio (MAR), Rio de Janeiro, Brasil (2020)
- *Under the Same Sun: Art from Latin America Today*, Solomon R. Guggenheim Museum, Nova York, EUA (2014)
- *À Nordeste*, Sesc 24 de Maio, São Paulo, Brasil (2019)
- *Os primeiros dez anos*, Instituto Tomie Ohtake (ITO), São Paulo, Brasil (2011)

coleções selecionadas

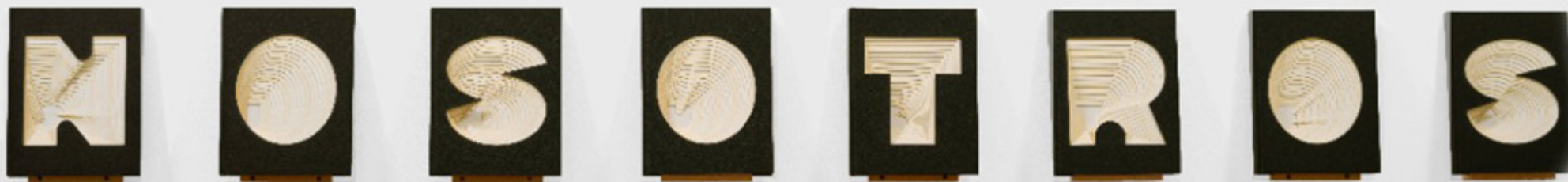
- Centre Georges Pompidou, Paris, França
- Museo del Barrio, Nova York, EUA
- Museu Nacional Centro de Arte Reina Sofia (MNCARS), Madri, Espanha
- Museum of Modern Art (MOMA), Nova York, EUA
- Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil
- Solomon R. Guggenheim Museum, Nova York, EUA
- Tate Modern, Londres, Reino Unido

marco a. castillo





Marco A. Castillo
Negro/Poder, 2021
papel
5 peças de 27 x 22 x 2 cm



Marco A. Castillo
Nosotros/Sin Usted, 2021
papel
8 peças de 28,5 x 22 x 2 cm

marco a. castillo

n. 1971, havana, cuba

vive e trabalha entre havana, cuba e madri, espanha

O cubano Marco Castillo é um dos membros fundadores do coletivo Los Carpinteros, criado em Havana, em 1992. O grupo tinha como preceitos a renúncia à autoria individual e a prática baseada na junção de elementos e formas da arquitetura, do design e da arte. Seus desenhos e instalações partem da observação de elementos materiais do nosso cotidiano. Esses aspectos são reelaborados para explorar a relação entre o funcional e o não funcional, assim como a relação entre arte e sociedade.

Em consonância com o movimento global de revisionismo histórico, Castillo reflete sobre o processo de modernização de Cuba durante as décadas de 1960 e 1970, fazendo referência a influentes artistas, arquitetos e designers cubanos. As esculturas e os trabalhos em papel de seu mais recente projeto combinam elementos do design moderno e do realismo socialista do período soviético a técnicas e materiais cubanos tradicionais – incluindo a madeira de mogno e a treliça de palha, além do desenho gráfico daquelas épocas.

Recentemente, o artista tem concentrado seu trabalho em reinterpretar obras de figuras-chave daquilo que chama de “geração esquecida”, como Gonzalo Córdoba, María Victoria Caignet, Rodolfo Fernández Suárez (Fofi), Joaquín Galván e Walter Betancourt. Assumindo um ponto de vista político, Castillo busca seguir a trilha deixada por esses artistas históricos, ao mesmo tempo que se afirma enquanto defensor e propagador da herança artística cubana.

exposições individuais selecionadas

- *The Decorator's Home*, UTA Artist Space, Los Angeles, Estados Unidos (2019)
- *El susurro del palmar*, Galerie Peter Kilchmann, Zurique, Suíça (2018)
- *La cosa está candela*, Museo de Arte Miguel Urrutia, Bogotá, Colômbia (2017)
- *Los Carpinteros*, Museo de Arte Contemporáneo de Monterrey, México (2015)
- *Los Carpinteros*, Parasol Unit Foundation for Contemporary Art, Londres, Reino Unido (2015)
- *Los Carpinteros*, Faena Art Center, Buenos Aires, Argentina (2012)
- *Ciudad Transportable*, Los Angeles County Museum of Art, Los Angeles, Estados Unidos (2001)
- *Los Carpinteros*, San Francisco Art Institute, San Francisco, Estados Unidos (2001)

exposições coletivas selecionadas

- *Everyday Poetics*, Seattle Art Museum, Seattle, Estados Unidos (2017)
- *Adiós Utopia: Dreams and Deceptions in Cuban Art Since 1950*, Walker Art Center, Minneapolis; Museum of Fine Arts, Houston, Estados Unidos (2017)
- *Alchemy: Transformations in Gold*, Des Moines Art Center, Des Moines, Estados Unidos (2017)
- *Contingent Beauty: Contemporary Art from Latin America*, Museum of Fine Arts, Houston, Estados Unidos (2015)
- *The Kaleidoscopic Eye: Thyssen-Bornemisza Art Contemporary Collection*, Mori Art Museum, Tóquio, Japão (2009)
- Bienal de Havana, Cuba (2019, 2015, 2012, 2006, 2000, 1994, 1991)
- 13ª Bienal de Sharjah, Líbano (2017)
- 25ª Bienal de São Paulo, Brasil (2002)

coleções selecionadas

- Centre Georges Pompidou, Paris, França
- Daros Foundation, Zurique, Suíça
- Solomon R. Guggenheim Museum, Nova York, Estados Unidos
- Tate Modern, Londres, Reino Unido
- Whitney Museum of American Art, Nova York, Estados Unidos

raul mourão



Raul Mourão
Swing Barra # 08, 2022
aço corten
100 x 84 x 60 cm



raul mourão

n. 1967, rio de janeiro, brasil, onde vive e trabalha

Raul Mourão nasceu no Rio de Janeiro em 1967, vive e trabalha entre sua cidade natal e Nova York. Expoente de uma geração que marcou o cenário carioca dos anos 1990, é reconhecido por sua produção multimídia, composta por desenhos, gravuras, pinturas, fotografias, vídeos, esculturas, instalações e performances, na qual se destaca seu olhar sempre permeado pelo senso de humor crítico sobre o espaço urbano. Inspirado pela paisagem metropolitana (inicialmente a carioca), o artista cria a partir de observações do cotidiano, desenvolvendo propostas que transitam entre o documental e a ficção. Suas obras, constituídas por materiais diversos que ressignificam os elementos visuais da cidade, estimulam reflexões sobre o espaço e o corpo social.

Mourão iniciou sua produção artística na segunda metade da década de 1980, participando de exposições a partir de 1991. Realizou em 1989 os primeiros registros fotográficos sobre grades de proteção, segurança e isolamento presentes nas ruas do Rio de Janeiro, o que resultou em sua conhecida série Grades. A partir dos anos 2000, a pesquisa foi desdobrada e resultou em esculturas, vídeos e instalações. Desde 2010, Mourão expandiu as referências para outras estruturas modulares de formas geométricas próprias do contexto urbano, realizando esculturas e instalações cinéticas de caráter interativo, que podem ser acionadas pelo público. Entre outros aspectos, o artista estabelece por meio dessas obras uma associação entre a problemática da violência urbana implícita nas obras anteriores e a preocupação formalista com o equilíbrio estrutural.

exposições individuais selecionadas

- *Viva Rebel*, Rio de Janeiro, Brasil (2021)
- *Fora/Dentro*, Museu da República, Rio de Janeiro, Brasil (2018)
- *Você está aqui*, Museu Brasileiro de Ecologia e Escultura (MuBE), São Paulo, Brasil (2016)
- *Please Touch*, Bronx Museum, Nova York, Estados Unidos (2015)
- *Tração animal*, Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil (2012) *Toque devagar*, Praça Tiradentes, Rio de Janeiro, Brasil (2012)

exposições coletivas selecionadas

- Coleções no MuBE: *Dulce e João Carlos de Figueiredo Ferraz – Construções e geometrias*, Museu de Ecologia e Escultura (MuBE), São Paulo, Brasil (2019)
- *Modos de ver o Brasil: Itaú Cultural 30 anos, Oca*, São Paulo, Brasil (2017)
- *Mana Seven*, Mana Contemporary, Miami, Estados Unidos (2016)
- Bienal de Vancouver 2014–2016, Canadá (2014)

coleções selecionadas

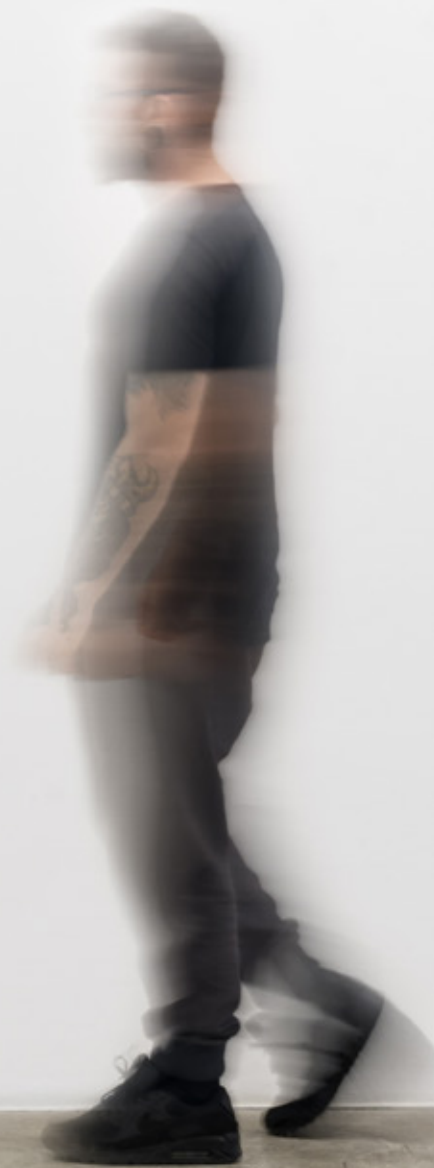
- ASU Art Museum, Tempe, Estados Unidos
- Instituto Itaú Cultural, São Paulo, Brasil
- Museu de Arte Contemporânea de Niterói (MAC-Niterói), Niterói, Brasil
- Museu de Arte do Rio (MAR), Rio de Janeiro, Brasil
- Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil

philippe decrauzat





Philippe Decrauzat
Loop 12 lines on the edge, 2022
tinta acrílica sobre tela
214 x 243 cm



Philippe Decrauzat
Still times stand (Reverse), 2022
tinta acrílica sobre tela
160 x 160 cm

philippe decrauzat

n. 1974, lausanne, suíça

vive e trabalha entre lausanne, suíça, e paris, França

Philippe Decrauzat é um dos principais nomes da nova geração de artistas ópticos e cinéticos. Sua produção multifacetada perfaz uma reflexão crítica sobre o legado desses movimentos na história da arte recente e abrange murais, esculturas, instalações, site-specifics e trabalhos em vídeo.

O artista recupera noções relacionadas às vanguardas do início do século XX, indo do construtivismo russo ao movimento cinético e ao minimalismo.

Linhas, planos, sólidos e sons são articulados de modo a propor situações que estabeleçam diálogo direto com o observador, estimulando o olhar do público.

Decrauzat realiza uma revisão da tradição moderna ao mobilizar métodos e teorias que se fazem presentes em campos distintos no âmbito da cultura pop, tais como arquitetura, design gráfico, cinema experimental e ficção científica. Contudo, ele não trabalha apenas com a apropriação. Sua operação se dá muito mais por meio de discretas referências e citações. Decrauzat elege seus temas e formas em função daquilo que apresentam, em termos de qualidades visuais e espaciais. A ênfase de sua prática reside na construção da percepção e da visão. Ao trabalhar o olho como instrumento, ele retoma a compreensão sobre a mecânica do olhar, que, atualmente, encontra-se excluída da maioria dos discursos artísticos em circulação.

exposições individuais selecionadas

- *Replica*, Blueproject Foundation, Barcelona, Espanha (2019)
- *Double Exposure*, Praz-Delavallade, Los Angeles, Estados Unidos (2019)
- *Tenir pendant que le balancement se meurt*, Parra & Romero, Madrid, Espanha (2017)
- *Bright Phase, Dark Phase*, Galerie Mehdi Chouakri, Berlim, Alemanha (2016)

exposições coletivas selecionadas

- *Concrete Contemporary – Now is Always also a Little of Yesterday and Tomorrow*, Museum Haus Konstruktiv, Zurique, Suíça (2019)
- *The Philosophical Eye*, Arte Invernizzi Gallery, Milão, Itália (2018)
- *Action <-> Reaction. 100 Years of Kinetic Art*, Kunsthal Rotterdam, Rotterdam, Países Baixos (2018)
- *Flatland / Abstractions narratives #2*, Musée d'Art Moderne Grand-Duc Jean (MUDAM), Luxemburgo (2017)

coleções selecionadas

- Fondation Louis Vuitton (FLV), Paris, França
- Kunsthau Zürich, Zurique, Suíça
- Museo de Arte Contemporáneo de Buenos Aires (MACBA), Buenos Aires, Argentina
- Museum of Modern Art (MoMA), Nova York, Estados Unidos

sérgio sister





Sérgio Sister
Pintura com ligações bronze e ouro, 2021
tinta óleo sobre tela e alumínio
35,5 x 84,6 x 2,5 cm



Sérgio Sister
Ligações laranja e prata, 2020
óleo sobre tela e alumínio
24 x 52,6 cm



Sérgio Sister
*Pintura com ligações
rosa e alumínio, 2020*
tinta óleo sobre tela e alumínio
45,7 x 121,6 x 2,9 cm

sérgio sister

n. 1948, são paulo, brasil, onde vive e trabalha

Sérgio Sister iniciou sua produção no final da década de 1960, período em que atuou como jornalista e se aproximou da militância política de resistência ao regime militar brasileiro (1964–1985). Em 1970, Sister foi preso pelo Departamento Estadual de Ordem Política e Social (Deops-SP) e, durante dezenove meses, esteve encarcerado no Presídio Tiradentes, em São Paulo, participando de oficinas de pintura realizadas na instituição. Como parte da geração 80, ele revisita uma antiga temática pictórica: a interação entre superfície e tridimensionalidade, na tentativa de liberar a pintura no espaço. O que marcou sua produção da época é a superposição de camadas cromáticas, resultando em campos de cor autônomos que coexistem harmoniosamente.

Hoje, seu trabalho combina pintura e escultura. Ele utiliza suportes derivados de estruturas encontradas e de sistemas designados a servir a nossas necessidades cotidianas, como observado nas séries Ripas, produzida desde o final dos anos 1990, e Caixas, desde 1996, cujos nomes referem-se aos produtos manufaturados dos quais derivam. São pinturas escultóricas feitas a partir de vigas de madeira encontradas, lembrando engradados, pórticos ou caixilhos de janelas. Sister pinta as vigas de madeira em várias cores e as dispõe em configurações que fazem surgir variadas profundidades, sombras e experiências de cor.

exposições individuais selecionadas

- *Then and Now*, Nara Roesler, Nova York, Estados Unidos (2019)
- *Sérgio Sister: O sorriso da cor e outros engenhos*, Instituto Ling, Porto Alegre, Brasil (2019)
- *Sérgio Sister*, Kupfer Gallery, Londres, Reino Unido (2017)
- *Sergio Sister: Malen Mit Raum*, Schatten und Luft, Galerie Lange + Pult, Zurique, Suíça (2016)
- *Expanded Fields*, Nympe Projekte, Berlim, Alemanha (2016)
- *Ordem desunida*, Nara Roesler, São Paulo, Brasil (2015)

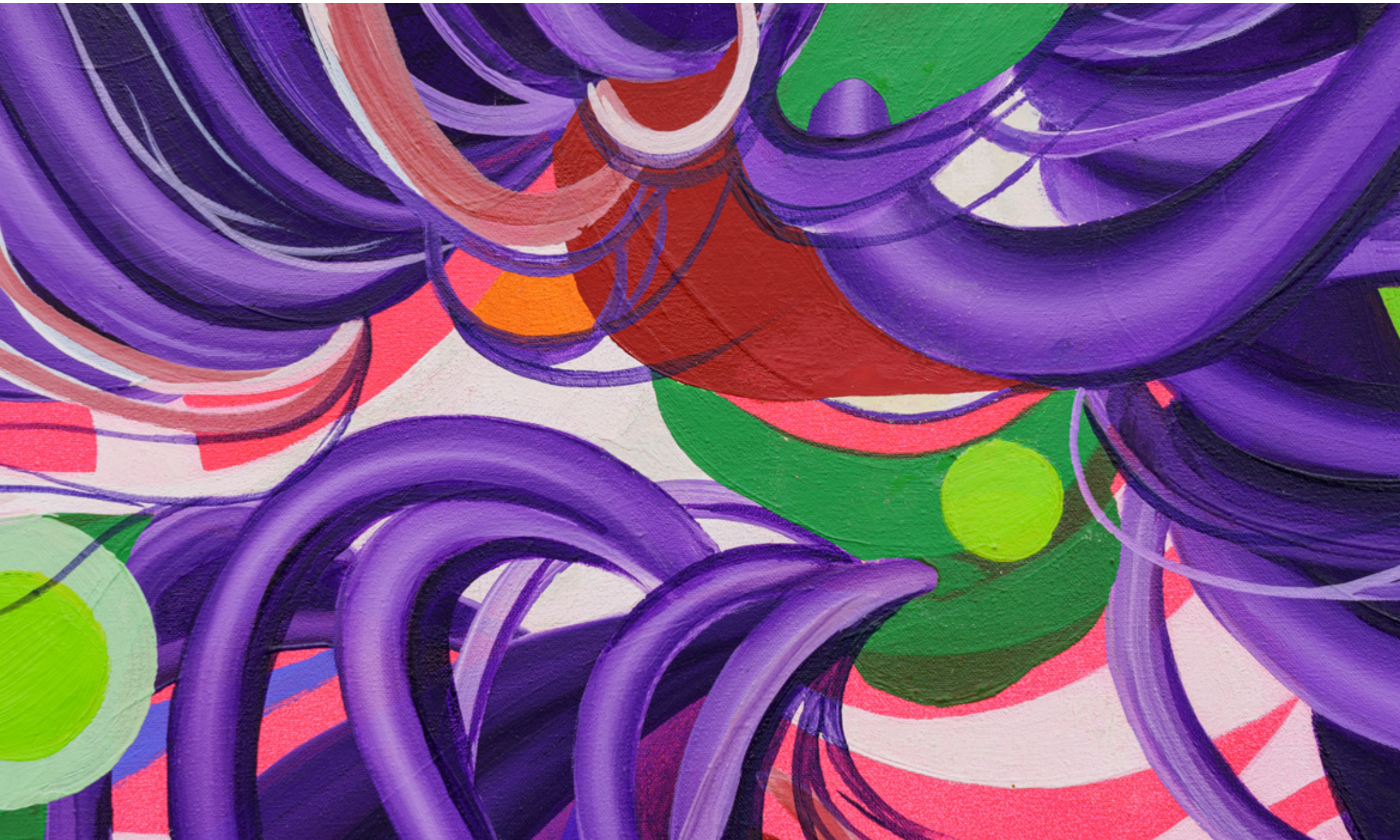
exposições coletivas selecionadas

- *A linha como direção*, Pina Estação, São Paulo, Brasil (2019)
- *The Pencil is a Key: Art by Incarcerated Artists*, Drawing Center, Nova York, Estados Unidos (2019)
- *Géométries Américaines, du Mexique à la Terre de Feu*, Fondation Cartier pour l'Art Contemporain, Paris, França (2018)
- *AI-5 50 anos – Ainda não terminou de acabar*, Instituto Tomie Ohtake (ITO), São Paulo, Brasil (2018)
- *MAC USP no século XXI – A era dos artistas*, Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo (MAC USP), São Paulo, Brasil
- 25ª Bienal de São Paulo, Brasil (2002)

coleções selecionadas

- François Pinault Collection, Veneza, Itália
- Fundación/Colección Jumex, Cidade do México, México
- Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil
- Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil

rodolpho parigi





Rodolpho Parigi
Limite # 04, 2007
acrílica e óleo sobre tela
239,5 x 209,2 x 3,6 cm



rodolpho parigi

n. 1977, são paulo, brasil, onde vive e trabalha

Rodolpho Parigi integra a nova geração de artistas brasileiros que despontou a partir dos anos 2000. O trabalho do artista se faz no espaço limite entre abstração e figuração agenciando uma série de referências que vão desde a tradição da história da arte, com especial atenção à corporeidade barroca de Rubens, mas passa pelo design gráfico, publicidade, ilustrações científicas, cultura pop, pranchas de anatomia e música. Essa última, junto com a dança, é responsável por orquestrar a dinâmica dos gestos que criam suas figuras, ainda que o resultado se verifique muito mais no dinamismo das formas e da estrutura do que nas marcas do pincel sobre a superfície.

“Há algo de alquímico aqui”, resume Rodolpho Parigi sobre seu processo. De fato, ele opera uma transfiguração singular calcada no excesso em que fragmentos de imagens e formas das mais diversas origens configuram-se na tela pelo uso de cores saturadas e luminosas que enfocam um futurismo retrô. O controle na execução e a organização apurada da composição provém de estratégias ornamentais que negam qualquer perspectiva tradicional e não deixam o olho descansar, levando-o a percorrer incessantemente o quadro. Nas pinturas de Parigi o *high tech*, presente na temática, encontra o virtuosismo da centenária técnica da pintura a óleo; assim como o orgânico, que não diferencia homem e animal, funde-se com a artificialidade da máquina, criando um provocativo efeito de estranhamento.

exposições individuais selecionadas

- *Fancy Performance*, Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil (2017)
- *Levitação*, Nara Roesler, São Paulo, Brasil (2015)
- *Casa Modernista*, São Paulo, Brasil (2013)
- *AtraQue*, Nara Roesler, São Paulo, Brasil (2011)

exposições coletivas selecionadas

- *Da humanidade: 100 artistas do acervo*, Museu de Arte Brasileira da Fundação Armando Álvares Penteado, São Paulo, Brasil (2020)
- *Da tradição à experimentação*, Fundação Iberê Camargo (FIC), Porto Alegre, Brasil (2019)
- *Histórias da sexualidade*, Museu de Arte de São Paulo (MASP), São Paulo, Brasil (2017)
- *Unanimous Night*, Contemporary Art Centre (CAC), Vilnius, Lituânia (2017)
- *LOL Levels of Life 1-2*, Artspace, Auckland, Nova Zelândia (2014)
- *Works on Paper*, RabbitHole Space, Nova York, Estados Unidos (2011)

coleções selecionadas

- Instituto Itaú Cultural, São Paulo, Brasil
- Museu de Arte Brasileira da Fundação Armando Álvares Penteado (MAB-FAAP), São Paulo, Brasil
- Museu de Arte Moderna da Bahia (MAM-BA), Salvador, Brasil
- Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil

thiago barbalho



Thiago Barbalho
Pele de plumas, 2020
grafite, lápis de cor,
caneta esferográfica,
marcador permanente,
acrílica e óleo sobre papel
72 x 101 cm



thiago barbalho

n. 1984, natal, brasil

vive e trabalha em são roque, brasil

Escritor e artista visual, Thiago Barbalho encontrou no desenho um modo de expressão que suplantou uma crise com a palavra. Trabalhando em diferentes dimensões e com diversos materiais (lápis de cor, grafite, spray, óleo, pastel oleoso e marcador sobre papel), suas composições trazem ao olhos do público universos intrincados, em que formas e cores se entrelaçam e embaralham em narrativas que parecem radicalizar e dotar de um ar contemporâneo e lisérgico o universo fantástico de Hieronymus Bosch.

Segundo a crítica e curadora Kiki Mazzuccheli: “Ao trabalhar essencialmente com desenho, Barbalho produz composições extremamente intrincadas, porém não planejadas, nas quais uma multiplicidade de imagens, símbolos e campos de cor se fundem umas nas outras para criar superfícies vibrantes ininterruptas”. O aparente caos de suas imagens surgem do vagar do gesto que traceja, recusando a submeter-se às lógicas formais ditadas pela racionalidade. De fato, deparamo-nos em seu trabalho com fragmentos diversos, uma profusão de referências de diferentes esferas, da cultura pop à tradição da história da arte, desierarquizando categorias e a própria relação entre figura e fundo.

Com formação em Filosofia, Barbalho se ampara em conceitos da disciplina para guiar sua prática. Nesse sentido, ele entende o desenho como uma tecnologia ancestral, que atravessa eras e culturas, sendo uma invenção da espécie humana, qualificando-a. Sua pesquisa visual vê no desenho o rastro de uma presença e da relação entre a mente – a imaginação –, e o corpo – o gesto –, entre a consciência e a realidade.

exposições individuais selecionadas

- *Correspondência*, Galeria Marília Razuk, São Paulo, Brasil (2019)
- *Thiago Barbalho*, Kupfer Project Space, Londres, Reino Unido (2018)

exposições coletivas selecionadas

- *AVAF*, Casa Triângulo, São Paulo, Brasil (2018)
- *Rocambole*, Pivô, São Paulo, Brasil (2018)
- *Rocambole*, Kunsthalle Lissabon, Lisboa, Portugal (2019)
- *Voyage*, Galeira Bergamin & Gomide, São Paulo, Brasil (2017)
- *Shadows & Monsters*, Gasworks, Londres, Reino Unido (2017)

coleções selecionadas

- Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil

vik muniz





Vik Muniz
*Dinheiro Vivo: Praia Rodrigues, a partir
de Johann Moritz Rugendas, 2022*
impressão jato de tinta
em papel archival
edição de 6 + 4 PA
160 x 212,1 cm





Vik Muniz
*Dinheiro Vivo: Selva, a partir de
Johann Moritz Rugendas, 2022*
impressão jato de tinta em papel archival
edição de 6 + 4 PA
160 x 246,5 cm

vik muniz

n. 1961, são paulo, brasil

vive e trabalha entre rio de janeiro, brasil e nova york, estados unidos

A obra de Vik Muniz questiona e tensiona os limites da representação. Apropriando-se de matérias-primas como algodão, açúcar, chocolate e até lixo, o artista meticulosamente compõe paisagens, retratos e imagens icônicas retiradas da história da arte e do imaginário da cultura visual ocidental, propondo outros significados para esses materiais e para as representações criadas.

Para a crítica e curadora Luisa Duarte, “sua obra abriga uma espécie de método que solicita do público um olhar retrospectivo diante do trabalho. Para ‘ler’ uma de suas fotos, é preciso indagar o processo de feitura, os materiais empregados, identificar a imagem, para que possamos, enfim, nos aproximar do seu significado. A obra coloca em jogo uma série de perguntas para o olhar, e é nessa zona de dúvida que construímos nosso entendimento”.

Muniz também se destaca pelos projetos sociais que coordena, partindo da arte e da criatividade como fator de transformação em comunidades brasileiras carentes e criando, ainda, trabalhos que buscam dar visibilidade a grupos marginalizados na nossa sociedade.

exposições individuais selecionadas

- *Vik Muniz*, Sarasota Museum of Art (SMOA), Ringling College of Art and Design, Sarasota, Estados Unidos (2019)
- *Imaginária*, Solar do Unhão, Museu de Arte Moderna de Salvador (MAM-BA), Salvador, Brasil (2019)
- *Vik Muniz: Verso*, Belvedere Museum Vienna, Viena, Áustria (2018)
- *Afterglow – Pictures of Ruins*, Palazzo Cini, Veneza, Itália (2017)
- *Relicário*, Instituto Tomie Ohtake (ITO), São Paulo, Brasil (2011)

exposições coletivas selecionadas

- *Naar Van Gogh*, Vincent van GoghHuis, Zundert, Países Baixos (2018)
- *Troposphere – Chinese and Brazilian Contemporary Art*, Beijing Minsheng Art Museum, Pequim, China (2017)
- *Look at Me!: Portraits and Other Fictions from the “la Caixa” Contemporary Art Collection*, Pera Museum, Istambul, Turquia (2017)
- *Botticelli Reimagined*, Victoria & Albert Museum, Londres, Reino Unido (2016)
- 56ª Bienal de Veneza, Itália (2015)
- 24ª Bienal de São Paulo, Brasil (1998)

coleções selecionadas

- Centre Georges Pompidou, Paris, França
- Museo Nacional Centro de Arte Reina Sofía (MNCARS), Madri, Espanha
- Museum of Contemporary Art, Tóquio, Japão
- Solomon R. Guggenheim Museum, Nova York, Estados Unidos
- Tate Gallery, Londres, Reino Unido
- Whitney Museum of American Art, Nova York, Estados Unidos

nara roesler

são paulo

avenida europa 655,
jardim europa, 01449-001
são paulo, sp, brasil
t 55 (11) 2039 5454

rio de janeiro

rua redentor 241,
ippanema, 22421-030
rio de janeiro, rj, brasil
t 55 (21) 3591 0052

new york

511 west 21st street
new york, 10011 ny
usa
t 1 (212) 794 5034

nararoesler.art

info@nararoesler.art